

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Ano VII – Nº 27 – Julho / Setembro 1999 – Preço 850\$00 (IVA incluído)

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves
Filhos do Pai, no Espírito

REIS, Manuel Fernandes
O Espírito de Amor em Teresa de Lisieux

STINISSEN, Guido
*Para uma espiritualidade
do sacramento da reconciliação*

Fr. BERNARDO
Experiências religiosas e autenticidade

BISCAIA, Jorge
Novas Paternidades

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Filhos do Pai, no Espírito 163

MANUEL FERNANDES DOS REIS

O Espírito de Amor em Teresa de Lisieux 167

GUIDO STINISSEN

*Para uma espiritualidade
do sacramento da reconciliação* 211

FR. BERNARDO, O.P.

Experiências religiosas e autenticidade 219

JORGE BISCAIA

Novas Paternidades 227

NÚMERO 27

Julho – Setembro 1999

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade - Ap. 141
4630 AVESSADAS
☎ 055.534207 – Fax 534289
E-Mail: ocdavessadas@mail.telepac.pt

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Joaquim da Silva Teixeira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780-564 PAÇO DE ARCOS
☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1999)	3.000\$00
Espanha	Ptas 2.800
Estrangeiro	USA \$ 35
Número avulso	850\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

FILHOS DO PAI, NO ESPÍRITO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Como cristãos que somos, vivemos unidos ao Senhor Jesus. Mas, segundo as Escrituras, é o Espírito Santo quem se apodera de nós para nos tornar conformes com Ele: «Vós, porém, não viveis segundo a carne, mas segundo o espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós» (Rom 8,9). «Não sabeis que sois templos de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?» (1Cor 3,16). «Não sabeis, porventura, que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, que recebestes de Deus, e que não vos pertenceis a vós mesmos?» (1Cor 6,19). O dom de Deus é tão íntimo a cada um de nós que nos podemos apresentar diante d'Ele com toda a confiança, como com familiares. O Pai, o Filho e o Espírito Santo dão-se juntamente e ao mesmo tempo, como Deus único, misericordioso e cheio de amor, e a todo aquele que se dispuser a recebê-lo.

Mas neste dom que Deus faz de Si mesmo existe uma relação. No seu amor sem medida para nós, o Pai envia o Seu Filho: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único» (Jo 3,16). Atendendo o pedido de Seu Filho (cf. Jo 14,16), o Pai enviou-nos o Espírito Santo que nos envolveu e pôs em movimento. «Dedo da mão do Pai», como o canta o *Veni Creator Spiritus*.

Na Escritura não se contempla o Espírito Santo por Si mesmo. Fala-se apenas do que Ele significa para nós. Ele não atrai nem fixa a nossa atenção e o nosso amor sobre *Si próprio*. Mas vem para abrir o nosso espírito e o nosso coração aos outros. É o Espírito de Amor que

quer que pertençamos duma maneira desinteressada ao Senhor Jesus, ao Pai e ao nosso próximo.

Cada vez que nós dizemos com fé: «Jesus é o Senhor», é pela força do Espírito Santo que o dizemos. «Por isso, faço-vos saber: ninguém que fale sob a acção do Espírito de Deus pode dizer: “Jesus é maldito”; e ninguém pode dizer: “Jesus é Senhor”, senão for por influência do Espírito Santo» (1Cor 12,3). S. Paulo não quer dizer aqui que recitemos maquinalmente estas palavras, mas afirmar com toda a consciência: «Jesus, Tu és para mim o Senhor, o Senhor e Mestre da minha vida», o que não podemos dizer senão *pelo* e *no* Espírito Santo. E o mesmo vale para toda a oração a Jesus. É o Espírito de Deus quem nos ensina a dizer esta oração com fé e com convicção, e quem, ao mesmo tempo, fortalece a nossa vontade para que a nossa vida confirme esta oração. Ele quer fazer de nós homens e mulheres em quem Cristo vive, verdadeiros «cristãos», homens e mulheres em quem Jesus é efectivamente o Senhor e o Mestre.

O Espírito quer transformar-nos em Cristo e suscitar em nós as atitudes da sua própria vida. Por isso, Ele abre o nosso coração ao Pai. Porque a disposição fundamental do Filho de Deus foi o abandono nas mãos do seu Pai. Durante a sua vida terrena Ele reza ao seu Pai. Realiza os seus milagres em união com Ele e submete-se ao sofrimento segundo a vontade do Pai.

É seguindo este exemplo que o Espírito nos quer formar. Nós lemos: «O próprio Espírito atesta em união com o nosso espírito que nós somos filhos de Deus» (Rom 8,16), quer dizer, o Espírito de Deus dá-nos a confiança certa do que nós já pressentimos em nós. Ele forma e aprofunda em nós o abandono filial, este amor cheio de confiança. «Vós não recebestes um espírito de escravidão, para cair de novo no temor; recebestes, pelo contrário, um espírito de adopção, pelo qual chamamos: “Abbá! Pai”» (Rom 8,15). Literalmente podemos ler: «Vós recebestes um Espírito filial...» Porque só Jesus é Filho por natureza, unido ao Pai. Nós somos filhos adoptivos. Para os homens e mulheres, os filhos adoptados ainda são, por natureza, estranhos para os seus pais, apesar dos laços jurídicos e o amor que os une. Não acontece assim entre Deus e nós. Não somos estranhos para o nosso Pai: fomos tomados no Filho, divinizados n'Ele, e assim somos filhos do Pai. O Espírito faz-nos tomar consciência na fé e ajuda-nos a gritar com

confiança filial: «Abbá, Pai querido». Assim nós somos mais do que simples filhos adotivos. Quando o Pai nos envia o seu Filho, Ele vê-nos no seu Filho, animados pelo seu Espírito. Nós não somos estranhos, ou estrangeiros, mas familiares e amigos.

Na Carta aos Gálatas, S. Paulo afirma de novo: «E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito que clama: “Abbá!, Pai”» (Gal 4,6). O Espírito Santo quer ensinar-nos esta atitude filial porque não é evidente para o nosso coração duro e seco tal como o é para Deus. Mas Ele, o Espírito do Filho de Deus, toma a nossa oração balbuciante na sua grande aspiração ao Pai, «com gemidos inefáveis» (Rom 8,26), e ajuda-nos a tornar-nos filhos para o Pai misericordioso.

É o eterno desígnio de Deus: assemelhar-nos o mais possível a Cristo, quer dizer, formar-nos à sua imagem e transformar-nos num «outro Cristo», noutra filho de Deus. O Deus eterno do Universo toma-nos e acaricia-nos sobre os seus joelhos, como um pai acaricia o seu filho (cf. Is 66,12-13). Mas todos sabemos como somos fracos, distraídos e infiéis. Cada vez que voltamos para o Pai, Ele acolhe-nos nos seus braços misericordiosos. O Espírito de Jesus quer fazer-nos participantes da bondade filial do Senhor. «Na verdade, todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (Rom 8,14), e é na medida em que são dóceis que eles o são cada vez mais e que se parecem sempre mais com Cristo, até chegar a ser um verdadeiro filho do Pai.¹

Este número de *Revista de Espiritualidade*, na continuação dos anteriores, e na expectativa de que nos cheguem os textos das conferências proferidas na XVI Semana de Espiritualidade que decorreu no passado mês de Agosto, vem já preparar-nos para esses temas tratados com tanto interesse e sabedoria. Na verdade, os estudos sobre o Pai-Deus nunca são demais porque Ele continua a ser para nós ainda o *Pai desconhecido*. Entretanto, é o Espírito Santo quem no-l'O vai revelando aos nossos corações e nesse campo, a Doutora Teresa de Lisieux, no estudo do Pe. Manuel Reis, dá-nos uma bela lição ao falar-nos do Espírito de Amor.

¹ Notas extraídas de Fr. Pancrace Martens, *Animés par l'Esprit Saint*, em Kerit 139 (Tournai 1998), pp. 47-55.

*Quando os cristãos falam de Deus,
de quem falam?*

*A resposta é importante,
uma vez que nela se fundamenta
a originalidade do cristianismo.
Se os cristãos merecem tal nome
é porque*

*todo o seu conhecimento de Deus
lhes vem de Cristo.*

*Para um cristão,
o Deus da Bíblia
é Aquele
a Quem Jesus chama*

*“meu Pai”
e assim nos revelou
que também é
nosso Pai.*

O ESPÍRITO DE AMOR EM TERESA DE LISIEUX

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«O Espírito de Amor abraça-me com o seu fogo».¹

«Ó Farol luminoso do Amor, eu sei como hei-de alcançar-Te;
encontrei o segredo para me apropriar da tua chama (...)
À lei do temor sucedeu a lei do Amor,
e o Amor escolheu-me como holocausto,
a mim, fraca e imperfeita criatura...
Não é tal escolha digna do Amor?... Sim.
Para que o Amor fique plenamente satisfeito,
é preciso que Ele se abaixe até ao nada,
e transforme esse nada em *fogo...*».²

1. «O amor não cessa de me consumir»

«O Espírito de Amor abraça-me com o seu fogo». Parece-nos que este verso do poema «Viver de Amor» contém em síntese a

¹ P 17, 2. «Esta *chama de amor* é o espírito do Esposo, que é o Espírito Santo» (S. João da Cruz, CH 1, 3). «Para estas almas, a morte mística, de que S. Paulo falava, torna-se tão simples, tão suave! Pensam muito menos no trabalho de destruição e de despojamento que lhes resta fazer, e muito mais em afundarem-se no *Braseiro do amor que nelas arde*, e que não é senão o Espírito Santo, esse mesmo Amor que na Trindade é o laço do Pai e do seu Verbo» (Isabel da Trindade, CF 14).

² B 3 v.

experiência pessoal do Espírito Santo como Pessoa, dom, obra e fruto na vida de Teresa de Lisieux. De facto, o Espírito Santo não apenas «derrama nos nossos corações o amor de Deus» (Rm 5, 5), como nos é dado com a caridade (Gál 5, 22).

«Cada santo tem a sua “individualidade carismática” própria». A vida de cada um dos santos é fruto da graça e dos dons do Espírito Santo.³ Para Teresa de Lisieux, o Espírito Santo é o «Deus conhecido» como «Espírito de Amor»,⁴ tanto na sua Pessoa-Dom, como nos seus dons.

«Lembra-Te da dulcíssima Chama
Que querias acender nos corações
Este Fogo do Céu, puseste-o na minha alma
Quero também derramar os seus ardores
Uma frágil centelha, ó mistério da vida
Basta para acender um enorme incêndio
Quero, ó meu Deus
Levar longe o teu Fogo
Lembra-Te».⁵

Podemos dizer desta «miniatura da Virgem» que assim como o Espírito «guiou Maria ao longo de toda a sua vida, especialmente nos momentos mais importantes da sua existência», assim também «envolveu

³ A referência ao Espírito Santo aparece explicitamente nos seus escritos 23 vezes, quatro das quais como «Espírito de Amor» (C 19 v; P 17, 2; Ct 220; 255). Porque o «Espírito de Amor» «derrama o amor de Deus nos nossos corações» (Rm 5, 5), fica justificado o título deste nosso estudo sobre *Teresa de Lisieux e o Espírito de Amor* (Cf. *Les Mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance générale*, Cerf, 1996, pp. 333 - 334). «O Espírito de Deus, que é o próprio Deus como poder, energia e força, revela-se na experiência e pregação de Jesus como o Espírito de Deus ou Deus Espírito cuja *essência é o amor que se auto-doa*. O Espírito de Deus, *identificado com Deus* como amor incondicionado, aparece no Novo Testamento em relação com Jesus como o Espírito ou amor *do Pai* que se auto-comunica ou se auto-esvazia de forma plena, suprema e definitiva n'Ele. Esse é o sentido da frase paulina: «em Cristo habita toda a plenitude da divindade corporalmente» (Col 2, 9). Não a plenitude da divindade como substância *que Deus não é*, mas a plenitude da divindade como Espírito ou amor *que Deus é*» (S. Guerra, «La oscura cercanía del Dios de Jesús», em *RE* 57 (1998), pp. 377).

⁴ «Se se pode compreender a Trindade de amor que se esvazia a si mesmo, então talvez se torne clara a razão da “falta de rosto” do Espírito Santo. *Ele existe como Espírito comum ao Pai e ao Filho, Espírito de amor*. Deseja ser anónimo, porque não cuida de Si, mas só de unir o Pai e o Filho. Num certo sentido, no Espírito Santo a divindade mostra a sua perfeição mais radiosa: atinge o puro esvaziamento no anonimato. E, no entanto, *é o Espírito de amor que mais caracteriza a Trindade inteira, como amor*. Perdendo-se a si mesmo no Pai e no Filho, o Espírito encontra-se a si mesmo no Pai e no Filho» (Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, *Deus Pai de Misericórdia*, ed. Paulinas / Comissão Nacional, Lisboa 1998, p. 27).

⁵ P 24, 17.

Teresa de tal modo que ela não resistiu, mas, como «doce morada do Espírito», «se deixou conduzir sempre na sua vida pelo Espírito de Amor».

«O amor, este fogo da Pátria
 Não cessa de me consumir
 Que me importa a morte ou a vida?
 Jesus, minha alegria é amar-te!».⁶

Recebeu o amor misericordioso de Jesus do Espírito de Amor, ou seja, foi o Espírito Santo que lhe deu Jesus, outrora por meio da encarnação no seio da Virgem Maria e agora por meio da Igreja, especialmente na Eucaristia, o «último limite do amor de Jesus».

«Preciso de um coração ardente de ternura
 Que seja meu apoio sem nenhuma reserva
 Que ame tudo em mim, mesmo minha fraqueza...
 Que nunca me abandone, nem de noite nem de dia».
 Não pude encontrar nenhuma criatura
 Que me amasse sempre, sem nunca morrer
 Preciso de um Deus que tome minha natureza
 Que se torne meu irmão e possa sofrer!⁷

Teresa invocou o Espírito de Amor para amar Jesus no mesmo Espírito de Amor com que foi amada por Jesus.

«É o teu amor, Jesus, que eu reclamo
 É o teu amor que me há-de transformar
 Põe no meu coração a tua consumidora chama
 E poderei bendizer-te e amar-te
 Sim poderei amar-te como se ama
 E bendizer-te como se faz no Céu
 Amar-te-ei com o mesmo amor
 Com que me amaste, Jesus Verbo Eterno». ⁸

A vida de Teresa é «cheia de graça», quer dizer, «cheia do Espírito Santo». Teresa é «esposa do Espírito Santo». Por isso, é

⁶ P 45, 7. No dizer de S. João da Cruz: «o Espírito Santo nunca perde o cuidado» das almas (CH 3, 46).

⁷ P 23, 4.

⁸ P 41, 2. Reconheceu a missão de amor de Jesus (Lc 12, 49): «O Senhor veio trazer à terra / Não a paz, mas o gládio e o Fogo» (P 47, 5). É a sãojoanina «consumação do amor»: «O amante não pode estar satisfeito se não sente que ama quanto é amado» (CB 38, 3). «Podemos compreender o ensinamento de Teresa sobre a Caridade a partir do que S. Clara de Assis escreveu a S. Inês de Praga: «Ama totalmente Aquele que por teu Amor se deu a si mesmo totalmente» (S. Clara de Assis, *Carta terceira a S. Inês de Praga*, n. 15).

«virgem e mãe» das almas. «Unida misticamente» ao «Espírito que dá a vida», participa na filiação no Espírito e na fecundidade do Espírito, ou seja, torna-se «fecunda» no Espírito, a saber, «mãe das almas».

*«Lembra-te de que o teu Orvalho fecundo
Virginizando as corolas das flores
Tornou-as capazes já neste mundo
De te gerarem muitos corações
Sou virgem, ó Jesus! todavia que mistério
Ao unir-me a Ti, das almas eu sou mãe.
Das flores virginais
Que salvam os pecadores
Lembra-Te».*⁹

Ela mesma, aos 22 anos, ao «meditar» no «mistério» da sua vida passada, ao ver que «o seu coração foi elevado para Deus desde o seu despertar»,¹⁰ reconhece, nesta «transparência» do «amor providente dum Pai», que «tudo é graça»,¹¹ que tudo é «confissão da graça de Deus nela», numa palavra, que é «conduzida» pelo Espírito Santo.

«Encontro-me numa fase da minha existência em que posso lançar um olhar sobre o passado. A minha alma amadureceu no crisol das provações exteriores e interiores; agora, como a flor fortalecida pela tempestade, volto a erguer a cabeça e vejo que em mim se realizaram as palavras do salmo 22: «O Senhor é meu Pastor, nada me faltará. Ele me faz descansar em pastagens agradáveis e férteis. *Conduz-me suavemente ao longo das águas. Conduz a minha alma sem a fatigar...* Mas mesmo que descesse ao vale da sombra da morte, não temeria nenhum mal, porque Vós estardes comigo, Senhor!...». O Senhor sempre foi compassivo e cheio

⁹ P 24, 22.

¹⁰ A 40 r. «O seu coração foi também preservado de entregar-se ao amor das criaturas pela grande misericórdia de Deus» (A 38 v).

¹¹ UC 5.6.4. «Um escritor moderno bastante conhecido conclui um livro seu - *Journal d'un curé de campagne* - afirmando: tudo é graça. Mas de quem é esta frase? Não é do mencionado escritor, porque ele mesmo diz que a bebeu noutra fonte. Pô-la numa página dos seus diários: "Tout est grâce". Tudo pode converter-se em graça. De resto, a mesma santa Carmelita não fazia senão comentar uma esplêndida palavra de S. Paulo: "Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum". Toda a nossa vida pode converter-se em bem, se amamos o Senhor» (Paulo VI, *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. II, (1964) 1061). «Teresa ensina-nos não uma santidade pelas obras, mas *uma santidade pela graça*, a santidade pela fé (...) O importante não é realizar os nossos projectos ou os nossos sonhos de santidade, mas de acolher a santidade que Ele nos quer dar» (H. Delbet, *Primauté de la grâce: Thérèse de Lisieux*, 5 / 1995, pp. 162. 170).

de bondade para comigo... Tardo em castigar e abundante em misericórdias!... (SI 102, 8). Por isso, minha Madre, é com prazer que venho cantar junto de vós as misericórdias do Senhor». ¹²

«Era de tal modo movida pelo Espírito Santo que tudo se tornava para ela símbolo de amor». Daí referir que «nasceu numa terra santa» «rodeada de amor» por todos os lados.

«Toda a minha vida Deus me quis rodear de *amor*, as minhas primeiras recordações estão marcadas por sorrisos e pelas carícias mais ternas!... mas se acumulou tanto *amor* junto de mim, também pôs muito dentro do meu pequeno coração, criando-o afectuoso e sensível, de modo que amava intensamente o Papá e a Mamã e lhes testemunhava de mil maneiras a minha ternura, pois era muito expansiva». ¹³

Teresa é como uma «lua cheia» repleta dos «dons do Espírito Santo» «para si e para os outros»: «Considero-me uma alma pequenina; mas penso que *Deus quis pôr em mim coisas que fazem bem a mim e aos outros* (...). Minha Madre, esta espiga é a imagem da minha alma; *Deus carregou-me de graças para mim e para muitos outros*». ¹⁴

Sabe-se «serva inútil» nas mãos do Senhor, como instrumento de luz na vida dos homens: *Dizíamos-lhe que ela era muito feliz por ser escolhida por Deus para mostrar às almas o caminho da confiança. Respondeu: «Que diferença faz que seja eu ou outra quem revela este caminho às almas? Desde que ele seja indicado, que importa o instrumento?»*. ¹⁵

Na verdade, Teresa é também um «instrumento de Deus» para nosso aproveitamento espiritual. A sua santidade está ao serviço da graça do Espírito de Deus na nossa vida.

«Bem vê, disse-lhe eu, que Deus a ama dum modo particular, visto que a põe assim em evidência e permite que seja estimada e

¹² A 3 r - v. «Quis que EU SOUBESSE como me tinha amado com um amor de inefável providência, para que agora O ame loucamente» (A 39 r).

¹³ A 4 v. «O Senhor rodeou-me sempre / De amor!...» (P 18, 1). «Para ela todas as ternuras puras são cristal diáfano para olhar a ternura de Deus humanado: «o Apóstolo-Virgem se aproximou de teu Coração / No seu repouso conheceu tua ternura / ... Adormeço no teu Coração / Ele é meu» (P 24, 20). «Mais tarde dirá : «Se o meu coração não tivesse sido *elevado para Deus desde o seu despertar*, se o mundo me tivesse sorrído desde a entrada na vida, que teria sido de mim?» (A 40 r). «Hoje damo-nos melhor conta que se Teresa percebeu tão bem o amor gratuito de Deus, é antes de tudo, porque se sentiu amada pelos seus pais da terra» (J. Lafrance, *Teresa de Lisieux. Guía de Almas (Ensayo de pedagogía teresiana)*, Madrid, 1985, p. 40).

¹⁴ UC 4.8.2; 4.8.3.

¹⁵ UC 21. 7.5.

amada das criaturas, porque não pode negar que todas na comunidade a buscam e amam! Isso não me dá nada, respondeu-me ela, e não sou realmente senão o que Deus pensa de mim. Quanto a amar-me mais porque me põe em evidência e permite que eu seja o seu intérprete junto de algumas noviças, acho que é antes o contrário. *Ele faz-me a criadinha delas. É pelas irmãs que Deus pôs em mim encantos de virtude externa, não é por mim (...)* Diz a Irmã que é por mim mais do que pelas Irmãs. Mas não sou eu que aproveito, são as Irmãs! (...) Uma alma não é santa por Deus a tomar por seu instrumento. É como um artista que emprega este ou aquele pincel. Porquê este, quando aqueloutro fica de lado? Não deixa de ser pincel e talvez melhor do que o outro. Em todo o caso, o ser empregado na obra do Mestre não dá nada ao primeiro. - Para que é que serve então? - Para reconhecer esta verdade, de nada atribuir a si mesma, de não julgar maior isto ou aquilo, de tudo atribuir a Deus (...) Do mesmo modo que com uma chamazinha fraca e trémula se pode levantar um grande incêndio, assim Deus serve-se de quem Ele quer para estender o seu reino. Um livro ordinário, até mesmo profano, pode servir para isso. Nunca há pois razão de nos orgulharmos, quando somos tomados como instrumentos. Deus não tem necessidade de ninguém». Contudo, insisti ainda: «As luzes a mim vêm-me por si, dizia-lhe eu pela centésima vez, ao passo que a si Deus fala directamente. – Não é um sinal de predilecção para comigo; pelo contrário. Nosso Senhor, como lhe disse, *faz-me sua criadinha*. É de propósito para si, que Deus me diz isto ou aquilo. Deveria sentir a minha inferioridade nestas circunstâncias. Deus, com efeito, fala-nos pelos livros, pelas coisas exteriores, serve-se de objectos materiais muitas vezes; pois bem, tudo isso está ao nosso serviço. Do mesmo modo *o que nos vem por certos santos é muito mais para nosso proveito do que para sua própria glória*. Deus exalta-os para nós. Também eles são nossos servos. Sim, na verdade “tudo é nosso, tudo é para nós”».¹⁶

Teresa de Lisieux, na peugada de S. Paulo, tem também a sua «teologia dos carismas», entendidos e vividos como «dons» do Espírito Santo, «dados a pobres», que «nos deixam pobres», mas para «enriquecer os outros». Teresa sente-se «serva inútil», isto é, apenas instrumento nas mãos de Jesus para bem das almas. Deus é, na verdade, «o agente

¹⁶ CRG, pp. 160 - 162.

principal». Teresa é apenas «colaboradora de Deus». «Deus e a sua obra é Deus».

O Espírito Santo, «Pai dos pobres», dá os seus «dons aos pobres»: «Compraz-se em mostrar-lhes o seu próprio nada e o poder d'Ele, serve-Se para chegar até elas dos mais *vis* instrumentos para lhes mostrar que é de facto só Ele que trabalha. Apressa-se em aperfeiçoar a sua obra para o dia em que, tendo-se dissipado as sombras, Ele já não Se servirá de intermediários, mas de um Face a Face eterno!...».

Além disso, os dons do Espírito «deixam-nos pobres»: «Do mesmo modo *Jesus gosta de prodigalizar os seus dons* a algumas das suas criaturas, mas muitas vezes é para atrair a Si outros corações, e depois quando o seu desígnio está atingido, *faz desaparecer estes dons exteriores*, despoja completamente as almas que Lhe são mais queridas. Ao verem-se numa *tão grande pobreza* estas pobres alminhas têm medo, parece-lhes que não servem para nada visto que recebem tudo dos outros e não podem dar coisa alguma, mas não é assim, a *essência* do seu *ser* trabalha em segredo, *Jesus* forma nelas o gérmen que tem de se desenvolver lá em cima nos celestes jardins dos Céus».

Por fim, os dons do Espírito são dados para «enriquecer os outros»:

«Acho que Jesus é muito bom por permitir que as minhas pobres cartinhas te façam bem, mas asseguro-te que não caio no erro de pensar que tenho nisso alguma parte. “Se não for o Senhor a edificar a casa, em vão trabalham os construtores”. Os mais belos discursos dos maiores santos seriam incapazes de fazer brotar um *só* acto de amor de um coração de que Jesus não fosse o Senhor. Só Ele sabe servir-Se da sua lira, mais ninguém será capaz de fazer vibrar as suas notas harmoniosas, mas Jesus serve-se de todos os meios, as criaturas estão todas ao seu serviço e Ele gosta de empregá-las durante a noite da vida para ocultar a sua presença adorável, mas não se esconde de tal maneira que não se deixe adivinhar. Com efeito sinto que muitas vezes Ele me dá luzes, não para mim mas para a sua Pombinha exilada, a sua esposa querida. Isto é bem verdade, encontro um exemplo na própria natureza. – Imagina um lindo pêssego, rosado e tão delicioso que nenhum doceiro poderia imaginar tão agradável doçura. Diz-me, minha Celina, foi *para o pêssego* que Deus criou esta linda cor rosada tão aveludada e tão agradável à vista e ao tacto? Foi para ele ainda que gastou tanto açúcar?... eviden-

temente que não, *foi para nós e não para ele*. O que lhe pertence, o que constitui a *essência* da sua vida é o *caroço*, podemos tirar-lhe toda a beleza sem lhe destruir *o seu ser*». ¹⁷

2. «O Espírito Santo seja a vida do teu coração»

«Há um meio fácil de ver se [Teresa de Lisieux] é verdadeiramente inspirada pelo Céu»: é verificar se ela é uma encarnação viva do Espírito de Amor e dos dons do Espírito Santo. «Visivelmente ela tem o espírito de Deus». ¹⁸ Pela «graça do Baptismo» tornou-se «templo do Espírito Santo».

«É preciso que o baptismo
Derrame na tua alma uma santa brancura,
É preciso que nela habite o verdadeiro Deus
É preciso que *o Espírito Santo seja a vida* do teu coração». ¹⁹

No baptismo recebeu a graça da «inabitação trinitária». As três fontes da Igreja, que são a Santíssima Trindade, são tão magnificamente cantadas e declaradas por S. João da Cruz na sua obra cume, a *Chama de amor viva*, que não resistimos a transcrever essa página antológica, misto de poesia e prosa, também ela poética.

«Oh cautério suave!
Oh regalada chaga!
Oh mão branda! Oh toque delicado,
que a vida eterna sabe,
e toda dívida paga!
Matando, morte em vida trocaste».

¹⁷ Ct 147.

¹⁸ RP 3, 3 v.

¹⁹ P 3, 64. «No seu credo, a Igreja descreve o *Espírito Santo* como a fonte da vida, aquele que dá a vida. Ora só pode dar a vida aquele que em si mesmo não recebe a vida, mas é a *vida em pessoa* (...) Para compreender como o Espírito Santo é o dispensador da vida e o arquétipo da vida criada (na medida em que aqui se pode falar de *compreensão*), convém relembrar sumariamente a posição da terceira pessoa na Divindade (...) Em Deus, o amor, enquanto livre dom amoroso de si, deve ser uma Pessoa: a *Pessoa do Amor* (...) O amor é a *Vida* na maior perfeição. O Espírito Santo é o *dom*, não apenas o dom de si da divindade *ao que lhe é exterior*, mas contém em si todos os dons que Deus faz às criaturas (...) O Espírito Santo, enquanto a Pessoa da Vida e do Amor, é o arquétipo de toda a vida e de todo o acto criado e a irradiação espiritual da essência particular, que também é própria dos seres materiais» (E. Stein, *L'Être fini e l'Être éternel*, Éditions Neuwelaerts, Louvain-Paris, 1972, pp. 415-417).

«Nesta canção a alma dá a entender como as três Pessoas da Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, são as que fazem nela esta divina obra de união. E assim a *mão*, e o *cautério* e o *toque* são, em substância, uma mesma coisa; e dá-lhes estes nomes em razão do efeito, que cada uma produz. O *cautério* é o Espírito Santo; a *mão* é o Pai, e o *toque* o Filho. E assim a alma engrandece aqui o Pai, e o Filho e o Espírito Santo, encarecendo *três* grandes mercês e bens que nela fazem, por lhe terem trocado a morte em vida, transformando-a em si. A *primeira* é a *chaga regalada*, e esta atribui-a ao Espírito Santo, e por isso a chama *cautério*. A *segunda* é o *gosto de vida eterna*, e esta atribui ao Filho, e por isso a chama *toque delicado*. A *terceira* é tê-la Deus transformado em si, que é *dádiva com que fica bem paga a alma*, e atribui esta ao Pai, e por isso a chama *mão branda*. E ainda que aqui se refira aos *Três* por causa das propriedades dos efeitos, fala só com um, dizendo: *Matando, morte em vida trocaste*, porque todos actuam em unidade, e assim tudo atribui a um e tudo a todos».²⁰

Teresa foi «dócil ao Espírito Santo» «desde os três anos». Viveu ao ritmo do «Espírito de Amor». Fez a experiência do perdão do Espírito Santo no sacramento da Penitência, e do seu amor na Primeira Comunhão.

«Ah! como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma!... Foi um beijo de *amor, sentia-me amada*, e dizia igualmente: «Eu vos amo, dou-me a vós para sempre». Não houve pedidos, nem lutas, nem sacrifícios; desde há muito, Jesus e a pobre Teresinha se tinham *olhado* e se tinham compreendido... Nesse dia já não era um *olhar*, mas uma *fusão*; já não eram *dois*, Teresa desaparecera como a gota de água que se perde no seio do oceano. Só ficava Jesus, Ele era o mestre, o Rei...».²¹

Na preparação para o sacramento da Confirmação «estudou» os dons do Espírito Santo e na recepção do «sacramento do amor» experimentou sobretudo o «dom da inteligência» na «brisa ligeira» e o «dom da fortaleza» na «força para sofrer»²². A confirmação é o sacramento da plenitude do Espírito Santo e o seu fruto é a caridade.

Permanece agradecida a Jesus, o Fogo Divino que «arde sem consumir», por a ter feito encontrar amarguras nas amizades da terra, incompatíveis com a de Deus, o «bom médico» que lhe perdoou antecipadamente, preservando-a de cair ou de tropeçar nalguma pedra.

²⁰ S. João da Cruz, CH 2, 1.

²¹ A 35 r.

²² A 36 5 - 37 v.

«Não tenho mérito nenhum em me não ter entregado ao amor das criaturas, pois dele não fui preservada senão por grande misericórdia de Deus... Este filho sou eu, objecto do *amor providente* dum Pai... Quer que eu o *ame*, porque me *perdoou* não muito, mas *tudo*. Não esperou que o *amasse muito* como S^{ta} Madalena, mas quis que EU SOUBESSE quanto me tinha amado com amor de inefável providência, para que agora o ame até à *loucura!*... Ouvi dizer que nunca se encontrou uma alma pura que amasse mais do que uma alma arrependida, ah!, quanto gostaria de fazer mentir tal palavra!...».²³

Deu muita importância à *festa do Pentecostes*.²⁴ Deve-se ao Espírito o *ser* e o *agir* «deiforme» de Teresa que «dá ao Pai no Filho o mesmo Espírito de Luz e Amor que recebe do Pai e do Filho, isto é, dá a Deus o Espírito Santo como coisa sua».

«Está dando a seu Querido essa mesma luz e calor que está recebendo de seu Querido; porque estando ela aqui feita uma mesma coisa com Ele, é em certa maneira Deus por participação; que embora não tão perfeitamente como na outra vida, é, como dissemos, como sombra de Deus. E assim, sendo ela por meio desta substancial transformação a sombra de Deus, faz em Deus por Deus o que Ele faz nela por Si mesmo e do modo que Ele faz, porque a vontade dos dois é uma, e assim também é uma a operação de Deus e da alma. De onde se segue que, como Deus se lhe está dando de livre e graciosa vontade, assim também ela, tendo a vontade tanto mais livre e generosa quanto mais unida a Deus, está dando a Deus ao mesmo Deus em Deus, e é verdadeira e inteira dádiva da alma a Deus. Porque ali vê a alma que Deus é verdadeiramente dela, e que O possui com posse hereditária, com propriedade de direito, como quem é filho adoptivo de Deus, pela graça que Deus lhe fez de se lhe dar a Si mesmo, e que, como coisa própria, O pode dar e comunicar a quem ela bem quiser; e assim ela dá-O ao seu Querido, que é o mesmo Deus que se deu a ela, no que ela paga a Deus tudo o que Lhe deve, porquanto Lhe dá de vontade outro tanto como d'Ele recebe. E porque nesta dádiva que a alma faz a Deus, Lhe dá o Espírito Santo como coisa sua em entrega voluntária, para que n'Ele Ele se ame como merece, goza a alma de inestimável deleite e fruição, porque vê que dá a Deus coisa própria dela, que quadra com Deus segundo o seu ser infinito».²⁵

Na sua adolescência necessitou de «um pequeno milagre» para poder sair do seu «círculo estreito». Tal aconteceu a 25 de Dezembro

²³ A 38 v.

²⁴ A 50 r.

²⁵ S. João da Cruz, CH 3, 78 - 79.

de 1886, quando recebeu a «graça de sair da infância» – «a graça da minha conversão completa» – e voltou a encontrar a força de alma que tinha perdido. Assim começava o terceiro período da sua vida, o mais cheio de graças do céu, todo ele obra de Jesus. É a sua experiência mística inicial do Espírito de Amor.

«Senti a *caridade* entrar em meu coração, a necessidade de me esquecer para contentar os outros e desde então fui feliz»²⁶.

3. «Instruía-me em segredo sobre as coisas do seu amor»

Já entrada na juventude dos seus 14 anos, a primavera da vida, estava madura para ser amada por Aquele a quem amava.

«Encontro-me na idade mais perigosa para as jovens, mas Deus fez por mim o que refere Ezequiel em suas profecias: «Passando a meu lado, Jesus viu que tinha chegado para mim o tempo de ser *amada*, fez aliança comigo e tornei-me *sua*... Estendeu sobre mim o seu manto, lavou-me com perfumes preciosos, revestiu-me com túnicas bordadas, dando-me colares e adornos inestimáveis... Alimentou-me com a mais pura farinha, com mel e azeite em *abundância*... assim fiquei bela a seus olhos e Ele fez de mim uma rainha poderosa!...».²⁷

«Copiou várias páginas sobre o perfeito amor» das conferências do Padre Arminjon sobre: «O fim do mundo presente e os mistérios da vida futura» e «repetia sem cessar as palavras de amor que tinham *abrasado* o seu coração».

«Vendo que as recompensas eternas não têm proporção nenhuma com os ligeiros sacrifícios da vida, queria *amar, amar* Jesus com

²⁶ A 45 v. Com esta graça Teresa cresceu no amor ao próximo e aceitou a missão que o Senhor lhe confiou. «O amor jorra de uma chaga aberta... As feridas cicatrizadas de Teresa abrem-se em primeiro lugar para as de Jesus, que “tem sede”. Teresa quer «desalterá-lo”, curar a ferida da sua mão, curá-lo como foi curada por Ele» (Daniel-Ange, *As feridas que o amor cicatriza*, Ed. Loyola, S. Paulo, 1983, pp. 12 - 13). «Teresa acolhe em si a iniciativa de Deus e deixa-se amar por Ele até ao ponto de que este amor cria na sua pessoa um desejo ardente de consagrar-se totalmente ao Senhor. É a aliança estabelecida entre Deus e o homem, e que crescerá ao ritmo do crescimento da vida divina. Nela, não há nenhuma vacilação, elege responder totalmente às antecipações de Cristo» (J. Lafrance, *o. c.*, p. 41).

²⁷ A 47 r.

paixão, dar-lhe mil sinais de amor enquanto ainda o podia... Copiei várias passagens sobre o perfeito amor e sobre a recepção que Deus há-de fazer aos seus eleitos no momento em que *Ele mesmo* se tornar a sua grande e eterna recompensa, repetia sem cessar as palavras de amor que me tinham abrasado o coração...»²⁸.

Refere que nessa altura da sua vida «Deus não se servia de *intermediários*, mas agia *directamente* e a instruía em segredo sobre as *coisas do seu amor*».

«Ele que exclamava nos dias da sua vida mortal em transportes de alegria: «Pai, dou-vos graças por terdes escondido estas coisas aos sábios e prudentes e por as terdes revelado aos mais pequeninos», queria fazer brilhar em mim a sua misericórdia; porque era pequena e frágil abaixava-se até mim, instrua-me em segredo sobre as *coisas do seu amor*. Ah! se os sábios que passaram a vida no estudo tivessem vindo interrogar-me, sem dúvida teriam ficado admirados ao ver uma criança de catorze anos compreender os segredos da perfeição, segredos que toda a sua ciência lhes não pode descobrir, pois para os possuir é necessário ser pobre de espírito!...»²⁹

Teresa ardia com os mesmos sentimentos de amor com que Jesus ardia. Jesus «fez dela uma rainha poderosa». Ao comentar a sede de Jesus na Cruz – «Tenho sede» (Jo 19, 28) – refere: «Estas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo».

«O grito de Jesus na Cruz ecoava continuamente no meu coração: «Tenho sede!». Estas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Queria dar de beber ao meu Bem-Amado e sentia-me também devorada pela *sede de almas*... Não eram ainda as almas dos sacerdotes que me atraíam, mas as dos *grandes pecadores*, ardia no desejo de as arrancar às chamas eternas...»³⁰

Ao comentar o pedido de Jesus à samaritana – «Dá-me de beber» (Jo 4, 7) – conta: «Era uma verdadeira troca de amor (...) Era esta sede ardente que Ele me dava como a mais deliciosa bebida do seu amor».³¹

²⁸ A 47 v. «É a primeira experiência forte de Deus-Amor, na sua juventude, que gera em si a paixão de amar Jesus» (R. Llamas, *Santa Teresita y su experiencia de la Palabra de Dios*, em RE 55 (1996) p. 291).

²⁹ A 49 r.

³⁰ A 45 v. «Ao «resolver manter-se em espírito ao pé da Cruz», Teresa é já uma daquelas santas mulheres do Evangelho que, no seguimento de Maria junto à Cruz de seu Filho (Jo 19, 25), participam misteriosamente da sua maternidade. Esta graça inicial é o começo de sua maternidade espiritual na Igreja» (F. - M. Léthel, *L'Amour de Jésus*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 114).

³¹ A 46 v.

Aos quinze anos, com o coração cheio de amor, estava resolvida a «atingir os seus fins». Certamente, porque «nunca o Amor encontra impossibilidades, pois tudo julga possível e permitido». Entretanto, a rotina da vida exterior escondia a novidade da sua vida interior.

«*Crescia no amor de Deus*, sentia no meu coração ímpetos até então desconhecidos, tinha por vezes *verdadeiros transportes de amor*. Uma noite não sabendo como dizer a Jesus que o amava e quanto desejava que fosse amado e glorificado em toda a parte, pensava com dor que ele nunca poderia receber do inferno um só acto de amor; então disse a Nosso Senhor que para lhe agradar consentiria alegremente ver-me ali mergulhada, a fim de que ele fosse amado eternamente neste lugar de blasfémia... Sabia que isso não o podia glorificar, pois não deseja senão a nossa felicidade, mas quando se ama, sente-se a necessidade de dizer mil loucuras; se assim falava, não era porque o Céu não excitasse o meu desejo, mas então o meu Céu não era outro senão o Amor e sentia como S. Paulo que nada me poderia separar do objecto divino que me seduzira!...».³²

Aos dezasseis anos, possuía o «dom do conselho»: «Jesus não me quer dar provisões, alimenta-me a cada instante com um alimento sempre novo, encontro-o em mim sem saber como ali se encontra. Concede-me a graça de agir em mim e me faz pensar tudo o que quer que eu faça no momento presente».³³

Em carta de 27-29 de Julho de 1890, a sua prima Maria Guérin, testemunha-nos a sua certeza de que o amor é o único meio de santificação e a exclusividade radical da sua entrega ao amor de Jesus.

«Minha querida Mariazinha, por mim não conheço outro meio para chegar à perfeição que “o amor”... Amar, como o nosso coração é bem feito para isto!... Por vezes procuro um ou outro termo para exprimir o amor, mas na terra do exílio as palavras são impotentes para dar todas as vibrações da alma; assim, é preciso ater-se a este único termo: “Amar!...”... Mas, a quem o nosso pobre coração, faminto de Amor, o prodigará?... Ah, quem será bastante grande para isso... um ser humano poderá compreendê-lo... e, sobretudo, saberá dá-lo?... Maria, só há um ser que pode compreender a profundidade deste termo: Amar!... Só o nosso Jesus sabe dar-nos infinitamente mais que nós lhe damos...».³⁴

³² Teresa crescia no amor a Jesus (A 52 r - 52 v). «Desde os 14 anos, eu tinha igualmente ímpetos de amor; ah! como eu amava a Deus! Mas não era, de forma alguma, como depois do meu oferecimento ao Amor, não era uma verdadeira chama que me consumia» (UC 7.7.2).

³³ A 76 v.

³⁴ Ct 109. «Amar, amar totalmente, infinitamente, sem limites: tal era, tal é, o sonho da

No retiro de 1891, o P. Prou, «lançou-a a toda a vela nas vagas das confiança e do *amor*», e ela revela que com o *amor* não avança, mas *voa*». Além disso, compreendeu que «sem o *amor* todas as obras se reduzem a nada».

«A 29 de Julho de 1894, a Comunidade tirou à sorte algumas sentenças piedosas. Coube-lhe o seguinte bilhete: Se a cada instante te perguntassem: «Que fazes?», a tua resposta deveria ser: «Amo». No refeitório? «Amo». No trabalho? «Amo», etc... Esse bilhete que guardou até à morte, causou-lhe extremo prazer. Disse-me: «É o eco da minha alma. Desde há muito, é assim que entendo o amor e que me exercito em praticá-lo».³⁵

A 25 de Dezembro de 1894, na Recreação Piedosa *Os Anjos no Presépio de Jesus*, diante do Menino Jesus, canta o Amor do Verbo encarnado por ela.

«Sonho inefável!...
Menino de um dia!...
Face adorável!...
Abrasais-me de amor».³⁶

«Já só em amar é o meu exercício», refere-nos ela, comentando a estrofe 28 do *Cântico Espiritual* de S. João da Cruz. O Espírito de Amor começa a transformar Teresa em amor.

«Agora, já não tenho nenhum desejo, a não ser o de *amar* Jesus até à loucura... já não desejo o sofrimento, nem a morte, e apesar de tudo amo-os a ambos, mas é só o *amor* que me atrai... agora é só o abandono que me guia... *agora todo o meu exercício é amar*... e o Amor, poderoso em obras, sabe *tirar proveito de tudo* e transforma a minha alma em Si... Como é doce o caminho do *amor*».³⁷

Cumulada de graças, canta como é eterna a misericórdia do Senhor e, inspirada a cada instante no que deve dizer, opina que «se

irmã de clausura. Para isso se fez livre. Para isso se fez pobre de todo, desapegada de si mesma. Para isso ora e vela. Este é o seu único fim. Mas depressa adquire “o sentido do Infinito” (C 35 r), do “abismo intransponível” (C. Meester, *Las Manos Vacías. El mensaje de Teresa de Lisieux*, Monte Carmelo, Burgos, 1981, p. 132).

³⁵ Ir. M. da Trindade, PA, 1336.

³⁶ RP 2, 3r.

³⁷ A 82 v - 83 r. É o seu encontro com S. João da Cruz, o «Santo do amor» por excelência, do «exercício de amar» (P 11, 3): «Ah! quantas luzes não adquiri com as obras da N. P. S. J. da Cruz... Na idade dos 17 e 18 anos não tinha outro alimento espiritual» (A 83 r). «O amor vos dará asas / E podereis voar bem alto» (RP 5, 4r).

todas as criaturas tivessem as mesmas graças que ela, Deus não seria temido por ninguém, mas amado até à loucura, e que, pelo amor, e não a tremer, nunca nenhuma alma consentiria em causar-lhe pena. No meio das ocupações do dia, descobre luzes sobre a perfeição de Deus, contidas no Evangelho, mas por ela nunca antes vistas.

«A mim deu-me a sua *Misericórdia infinita* e é através dela que contemplo e adoro as outras perfeições Divinas!... Assim todas me aparecem envolvidas em *amor*, mesmo a Justiça (e talvez ainda mais do que qualquer outra) me parece revestida de *amor*... Ah! Deus infinitamente justo... não há-de ser igualmente Justo para comigo que «estou sempre com Ele»?». ³⁸

4. «O Espírito de Amor abrasa-me com o seu fogo»

Aos vinte e dois anos possuía o «dom da inteligência» e o «dom da sabedoria». Na sua *lectio divina*, feita ao longo do dia, «sabe por amor», isto é, «saboreia» a «bondade do Senhor», na suavidade do Espírito.

«*Compreendo e sei* por experiência “que o reino de Deus está dentro de nós”. Jesus não precisa de livros nem de doutores para instruir as almas; Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras... Nunca o ouvi falar, mas sei que está em mim, a cada instante, Ele me guia e inspira o que devo dizer ou fazer. Descubro exactamente na hora em que preciso delas, luzes que nunca antes vira, mas não é habitualmente durante a oração que são mais abundantes, é sobretudo no meio das ocupações do dia». ³⁹

³⁸ A 83 v. «Para Teresa, é o *Deus Amor* que se impõe, mas sob a perspectiva do *Deus Misericórdia*» (F. Girard, *Les profondeurs de Dieu: L'Amour qui veut se donner*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 168). Teresa fica fascinada sobretudo pela gratuidade total do *Amor* que faz *Justiça* de modo tão *Misericordioso*: «Teresa refere que possui um conhecimento *místico* da *Divindade* sob a luz da sua «*Misericórdia infinita*», através da qual *contempla* e adora as outras perfeições Divinas... A «*lâmpada de fogo*» da *Misericórdia* (S. João da Cruz, CH 3, 3), caracteriza a luz da *Divindade* tal como brilha na teologia de Teresa, mas sob o clima e a cor da *confiança*» (F. - M. Léthel, *a. c.*, p. 142). «Teresa vê a sua missão teológica particular em contemplar todos os atributos de Deus do ponto de vista do seu amor misericordioso, até ao extremo de que aparecem incluídos, sem reserva e não só em parte, neste mesmo amor. A justiça torna-se, então, claramente numa forma do amor» (H. U. von Balthasar, *Teresa de Lisieux. Historia de una Misión*, Herder, Barcelona, 1989, p. 269). «A maior graça da sua vida é o conhecimento que teve da *misericórdia*... a grandeza de Teresa deriva do descobrimento da *Misericórdia*» (P. M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Ton amour a grandi avec moi. Un Génie Spirituelle Thérèse de Lisieux*, Éd. du Carmel, Venasque, 1987, pp. 53 - 54).

³⁹ A 83 v.

O dom da sabedoria, o mais perfeito e excelente de todos os dons, leva à perfeição a virtude da caridade, a mais perfeita e excelente de todas as virtudes.⁴⁰ Teresa buscava então o alimento sólido e puro na Sagrada Escritura e na Imitação. Porém, o Evangelho era o seu livro de oração.⁴¹ Jesus é a Palavra de Deus que Teresa guardava no seu coração.⁴² Na adoração do Santíssimo Sacramento, Jesus é pelo «mestre interior» – «o Espírito de Amor» – o alimento da sua «vida de amor». Estamos perante uma «pneumatologia *explícita*».

«Viver de Amor, é guardar-Te a Ti mesmo
Verbo incriado, Palavra do meu Deus,
Ah! Tu sabe-l'O, Divino Jesus, eu amo-Te
O Espírito de Amor abrasa-me com o seu fogo
Amando-te eu atraio o Pai
O meu pobre coração guarda-O para sempre.
Ó Trindade! Vós sois Prisioneira
Do meu Amor!...

Viver de Amor, é dar sem medida
Sem reclamar salário aqui na terra
Ah! sem contar eu dou-me bem segura
De que, quando se ama, não se conta!...
Ao Coração Divino, transbordante de ternura
Dei tudo... ligeiramente eu corro
Nada tenho senão a minha única riqueza
Viver de Amor.

Viver de Amor, é dissipar o medo
Afastar a lembrança das faltas do passado.
Dos meus pecados não encontro vestígio,
Num breve instante o amor queimou tudo.....
Chama divina, ó dulcíssima Fornalha!
No teu centro fixo a minha morada
É no teu fogo que eu canto alegremente:
«*Vivo de Amor!*...

⁴⁰ «À tarde examinar-te-ão no amor; aprende a amar como Deus quer ser amado e deixa a tua condição» (S. João da Cruz, D. 64). «No entardecer da vida tudo passa: só fica o Amor» (I. da Trindade).

⁴¹ «Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma. Ali encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos...» (A 83 v).

⁴² «Parece-me que a *palavra* de Jesus, é *Ele-mesmo*... Ele *Jesus*, o *Verbo*, a *Palavra* de *Deus!*... Nós guardamos Jesus nos nossos corações!...» (Ct 165). «Viver de Amor, é guardar-Te a Ti mesmo / Verbo incriado, Palavra do meu Deus» (P 17, 2).

Viver de Amor, é navegar sem tréguas
 Semeando a paz, a alegria nos corações
 Piloto Amado, a Caridade incita-me
 Pois vejo-Te nas almas minhas irmãs.
 A Caridade, eis a minha única estrela
 À sua luz navego sem desvio
 Tenho a minha divisa escrita na vela:
 «Viver de Amor».

«Morrer de Amor, eis a minha esperança
 Quando vir quebrarem-se os meus laços
 O Meu Deus será a minha Grande Recompensa
 Não anseio possuir outros bens.
Quero ser abrasada pelo seu Amor
 Quero vê-I'O, unir-me a Ele para sempre
 Eis o meu Céu... eis o meu destino:
 Viver de Amor!!!.....».⁴³

Se foi no fogo do amor de Jesus que Teresa, a 22 de Fevereiro de 1895, cantou alegremente o seu «viver de amor», foi no Espírito de Amor que, a 9 de Junho de 1895, «compreendeu mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado»: «Este ano, a 9 de Junho, festa da Santíssima Trindade, recebi a graça de compreender mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado».⁴⁴

⁴³ P 17, 2. 5. 6. 8. 15. Na verdade, o Espírito de Amor é o seu Purgatório (A 84 r - v; P 23, 8; Ct 226; UC 8. 7.15; 30. 7. 3).

⁴⁴ A 9 de Junho de 1895, Teresa *votou* a sua vida ao «Amor misericordioso de Deus». O oferecimento ao Amor Misericordioso é oferecimento a *toda* a Trindade, embora o *centro* do oferecimento é sempre Jesus: «O acto de oferecimento ao Amor Misericordioso (Or 6) contém o ensinamento mais profundo de Teresa sobre a divinização: ela, ao desposar a grandeza infinita do amor de Jesus, vive a experiência mística de Deus Trindade de maneira cristocêntrica no amor de Jesus (P 17, 2). A maior cristologia da Igreja é aqui resumida: Jesus é o *Filho* único do Pai, o *Salvador* de todos os homens e o *Esposo* da Igreja: «vosso Filho único para ser meu Salvador e meu Esposo» (F. - M. Lélhel, *a. c.*, pp. 137 - 139). «Teresa desocupa-se de toda a perfeição própria a fim de dar lugar em si ao amor de Deus... Não lhe importa o amor, nem sequer o seu amor a Deus, mas unicamente a necessidade de que Deus há-de ser amado e quer ser amado. Só nos últimos anos se lhe descobre o inteiro horizonte deste mistério» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 277). Contudo, já antes comungava desta «necessidade de amor» (Ct 107), sabendo-se «o oceano de Jesus» (Ct 142). Agora descobre o novo: Deus quer ser amado. Deus necessita imperiosamente a criatura para lhe mostrar o seu amor, para poder dar livre curso às correntes de amor encerradas em seu coração. Deus quer redimir, quer compadecer-se e só o pode fazer quando pode derramar o seu amor no mundo, nos corações dos homens, que, por desconhecimento e recusa, o impedem, e se voltam para as criaturas (A 84 r). «*Ser amado* significa para Jesus que lhe permitimos amarmos activamente. E, para nós, *amar* significa que aceitamos deixar-nos amar por Ele. Jesus é amado, quando nos pode amar totalmente. Amamos a Jesus, quando nos deixamos totalmente amar por Ele» (C. Meester, *Les mains vides. Le message de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1994, p. 121). Porém, além desta conotação activa de «o Jesus da pobre Teresa», como «o Jesus amante», não devemos esquecer a outra conotação passiva do «Jesus

5. «Este Amor Misericordioso me renova, me purifica a alma»

Daí, a sua oração ardente, o seu gritante testemunho de fé no Amor Misericordioso de Jesus, numa palavra, a sua invocação do Espírito, ao qual se oferece totalmente como Esposa do Espírito Santo.

«Ó meu Deus! gritei eu do fundo do meu coração, não haverá senão a vossa Justiça para receber as almas que se imolem como vítimas?... O vosso Amor Misericordioso não terá também necessidade delas?... Por toda a parte é mal conhecido, rejeitado; os corações a quem desejas prodigá-lo voltam-se para as criaturas pedindo-lhes a felicidade com a sua miserável afeição, em lugar de se lançarem nos vossos braços e aceitar o vosso *Amor* infinito... Ó meu Deus, o vosso Amor desprezado vai ficar em vosso Coração? Parece-me que se encontrásseis almas que se oferecessem como Vítimas de holocausto ao vosso Amor, rapidamente as consumiríeis, parece-me que ficaríeis feliz por não comprimir as ondas de infinitas ternuras que estão em vós... Se a vossa Justiça gosta de se descarregar, ela que não se estende senão sobre a terra, *quanto mais não desejará o vosso Amor Misericordioso abrasar as almas*, pois a vossa Misericórdia se eleva até aos Céus... Ó meu Jesus, que seja *eu* esta vítima feliz, consumi o vosso holocausto pelo fogo do vosso Divino amor!...».⁴⁵

Inspirada pelo Espírito de Amor, ofereceu-se, a 11 de Junho de 1895, ao Amor misericordioso de Jesus como vítima de holocausto. A experiência do Amor misericordioso é a experiência do Espírito Santo. Consagrar-se ao Amor misericordioso é consagrar-se ao Espírito Santo e à sua acção transformadora e santificadora. O testemunho do Espírito Santo é o testemunho do Amor misericordioso. O seu oferecimento é a sua plena docilidade ao Espírito Santo, a sua entrega total ao Espírito de

amado», isto é, que quer e mendiga a miséria e pobreza do nosso amor (Ct 109). Desde este dia do oferecimento, Teresa aceitou definitivamente viver em comunhão de amor com Jesus, dando-lhe o seu coração para sempre (P 36, 5).

⁴⁵ A 84 r. Daí, poder ser apresentada como «o modelo mais puro do amor oblativo» (S. Rousset, *Reflexiones de una psiquiatra*, Herder, Barcelona, 1970, p. 24). «Teresa ensina-nos a aceitar o dom de Deus e a sua oferta de adopção, a *deixar-nos amar* por ele, a consentir no que nos transforma no seu Amor. É uma redescoberta absolutamente genial. Ela ensina-nos a *tudo receber*, para assim, pouco a pouco, nos ensinar a *tudo dar*» (F. Ouellette, *Je serai l'amour. Trajets avec Thérèse de Lisieux*, Edit. Fides, Paris, 1996, p. 186).

Amor. Deste modo, ajuda-nos a «conhecer o Espírito da Verdade que habita connosco e está em nós» (Jo 14, 17) como «Espírito de Amor», do Amor misericordioso de Jesus, que «desceu à terra do exílio para *atrair* as almas até ao seio do Eterno Fogo da Trindade Bem-aventurada». Estamos perante uma «pneumatologia *implícita*» da Trindade.

«Ó meu Deus! Trindade Bem-aventurada! Desejo amar-vos e fazer-vos amar (...) A fim de viver num acto de perfeito Amor, ofereço-me como vítima de holocausto ao vosso amor misericordioso, suplicando-vos que me consumais sem cessar, deixando transbordar para a minha alma as ondas de ternura infinita que estão encerradas em Vós, e que assim eu me torne Mártir do vosso Amor, ó meu Deus!... Que este Martírio, depois de me ter preparado para aparecer diante de Vós me faça, enfim, morrer, e que a minha alma se lance, sem demora, no eterno abraço do vosso Amor misericordioso... Quero, ó meu Bem-amado, a cada palpação do meu coração, renovar-Vos este oferecimento um número infinito de vezes, até ao momento em que, desvanecidas as sombras, possa reafirmar-Vos o meu Amor num Face a Face Eterno!...»⁴⁶

Três dias depois, a 14 de Junho de 1895, como confirmação da sua aceitação como vítima de holocausto, recebeu a graça de mergulhar no fogo do amor – «Eu ardia de amor»⁴⁷ – e, seis meses mais tarde, contou a sua forte experiência mística de Deus como acção do Espírito, o seu Pentecostes. Foi a sua «experiência cume do Espírito Santo. «Os oceanos de graça que lhe inundaram a alma» foram manifestações do Espírito Santo que «tocaram» todo o seu ser.

«Ah! depois deste dia feliz, parece-me que o *Amor* me penetra, e me envolve: parece-me que, a cada instante, este *Amor Misericordioso* me renova, me purifica a alma... O Fogo do Amor é mais santificante que o do purgatório...»⁴⁸

⁴⁶ Or 6.

⁴⁷ UC 7.7.2. «Este Fogo do Céu, puseste-o na minha alma» (P 24, 17).

⁴⁸ A 84 v. O *Ms B*, um canto maravilhoso ao amor divino, brota de um coração que está a viver a «inflamação de amor» própria da «noite do espírito» (Gregorio de Jesus Crucificado, *Las noches sanjuanistas vividas por Santa Teresa del Niño Jesús*, em *Ephem. Carm.*, 11 (1960), p. 379). Desta «ferida de amor» (UC 7. 7. 2), desta alta experiência do Amor transformante e doloroso, é que procedem tanto a loucura dos desejos de apostolado (B 3 r), como as suas luzes sobre o amor que engloba todas as vocações (B 3 v). «Ela *será* o Amor, ela *é já* um braseiro de amor, está no seu centro, identificada e transformada no Amor, fonte de todo o bem, alegria suprema, sofrimento inenarrável, fecundidade universal e estabilidade numa paz de eternidade» (P. M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Docteur de la vie mystique*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 341). «É o *poder transformador* do Amor de Jesus na sua alma» (F. Girard, *Les profondeurs de Dieu: L'Amour qui veut se*

Mais tarde, declara que, depois do seu oferecimento ao Amor misericordioso, inspirado pelo Espírito de Amor, todo o seu viver é «Viver de Amor»: «Tudo o que faço, os movimentos, os olhares, tudo, depois do meu oferecimento, é por amor».⁴⁹

A 12 de Agosto de 1895 canta o seu ardor missionário no poema *O meu Céu na terra*, composto para os vinte e um anos da Irmã Maria da Trindade.

«Para que eu possa acumular
Uma linda colheita cor de oiro
Digna-Te abrasar-me com o teu fogo.
Em breve da tua Boca adorada
Dá-me o Beijo eterno!...».⁵⁰

A 7 de Setembro de 1895 no poema *À minha Madre Querida o Belo Anjo da minha infância*, composto para os trinta e quatro anos da Madre Inês de Jesus, canta o papel providencial que Paulina desempenhou na sua vida e continua a desempenhar para ela.

«E agora a sua melodia
Posso ouvi-la todos os dias
À sua voz, a minha alma deslumbrada
Abrasa-me no fogo do Amor.
Mãe, o Amor dá-nos asas...
Cedo poderei voar
Para as Colinas Eternas
Onde Jesus se digna chamar-me...».⁵¹

No Outono de 1895, no poema *Os meus Desejos junto de Jesus escondido na sua Prisão de Amor*, composto para a Irmã S. Vicente de Paulo, canta o seu amor de esposa ao «Jesus da Eucaristia», e quer ser abrasada no seu amor para lhe ganhar almas.

«Quisera no santuário
Consumindo-me junto do meu Deus

donner, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 213). Teresa «está em cada momento exposta à plena energia amorosa de Deus» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 290). «Os diques romperam-se e as ondas do amor divino inundaram a terra da sua alma, que fica submersa pelos «rios de água viva» (Jo 7, 38 - 39), o novo dilúvio da presença tangível de Deus» (C. Meester, *Les mains vides*, pp. 127 - 128). «Novo Pentecostes para Teresinha, “toda imersa no fogo” do Espírito... É verdadeiramente filha do Vento, receba as suas asas e os seus olhos de água. Carrega em si um amor que é “um abismo do qual não pode sondar as profundezas”» (Daniel-Ange, *o. c.*, pp. 48. 51).

⁴⁹ UC 8. 8. 2.

⁵⁰ P 20, 6.

⁵¹ P 22, 12 - 13.

Sempre brilhar no mistério
 Como Lâmpada do santo Altar...
 Oh! que ventura!... sinto chamas em mim
 E posso ganhar em cada dia
 Um grande número de almas para Jesus
Abrasando-me no seu amor...».52

A 1 de Março de 1896, no poema *O cântico eterno cantado no exílio*, composto para a Irmã Maria de S. José, Teresa vive à letra a experiência do abrasamento de amor, própria de uma esposa que aguardando o Esposo celeste só vive de amor.

A tua esposa exilada, na terra estrangeira
 Pode cantar do Amor o cântico eterno
 Já que, meu Doce Jesus, Te dignas na terra
Do fogo do teu Amor abrasá-la como no Céu.
 Meu Bem-amado, Beleza suprema
 Tu entregas-Te a mim
 Mas em troca
 Jesus, eu amo-Te
E a minha vida não é mais do que um só acto de amor!».53

Aos 23 anos, confia-nos, na pessoa de sua irmã Maria do Sagrado Coração, os segredos que Jesus lhe dá a conhecer na sua oração. Na verdade, Jesus guia-a docemente no amor, na suavidade do seu Espírito.

«Ó Jesus, meu Bem-Amado, quem poderá dizer com que ternura, com que suavidade, conduzis a minha *pequena alma?*
 Como vos agrada fazer brilhar o raio da vossa graça mesmo no meio da mais sombria tempestade?...».54

A 7 de Junho de 1896, no poema *O Meu Céu*, dedicado à Irmã S. Vicente de Paulo, canta a sua «abertura de coração» a Jesus na oração convertida em intercessão pelas necessidades da Igreja.

«O meu Céu é poder atrair sobre as almas
 Sobre a Igreja minha mãe e sobre todas as minhas irmãs
 As graças de Jesus e *as suas Divinas chamas*
Que sabem abrasar e alegrar os corações.
 Posso tudo alcançar quando em segredo
 Falo a sós com o meu Divino Rei
 Esta doce Oração juntinho do Santuário
 Eis o meu Céu!...».55

52 P 25, 2.

53 P 28, 1 - 2.

54 B 2 r.

55 P 32, 2.

A 6 de Agosto de 1896, na sua *Consagração à Santa Face* pede à «Face Adorável de Jesus» não só o «Amor infinito» para O dessedentar na sua sede de Amor, mas também «almas de apóstolos e mártires» para «abrasar» no Amor de Deus todos os pecadores.

«*Almas, Senhor, precisamos de almas..... sobretudo almas de apóstolos e de mártires para que por elas abrasemos do vosso Amor a multidão dos pobres pecadores*».⁵⁶

De igual modo, noutra oração [*À Santa Face*], a Teresa da Santa Face pede a «Divina Semelhança» com o Crucificado por amor por meio do abrasamento no seu amor. Consumada assim no amor estará preparada para o encontro com o Senhor da glória.

«Ó meu Bem-amado, por teu amor, aceito não ver cá na terra a doçura do teu Olhar, não sentir o inefável beijo da tua Boca, mas suplico-Te que *me abrases no teu amor*, a fim de que ele me consuma rapidamente e faça comparecer em breve diante de Ti».⁵⁷

A 13 de Setembro de 1896, sua irmã Maria pede-lhe que lhe diga por escrito, «se pode amar Jesus como ela o ama».⁵⁸ Teresa, a quem o Espírito de Amor revelara, na oração, a «ciência do Espírito», que é a «ciência do Amor», responde-lhe que «os mesmos segredos» Jesus também lhos confia na oração. A sabedoria do Espírito, o caminho do Amor, é o «abandono» de quem se deixa amar por Jesus no Espírito para poder amar Jesus no Espírito.

«Sem se mostrar, sem fazer ouvir a sua voz, Jesus instrui-me em segredo; não é, porém, por meio de livros, pois não compreendo o que leio, ainda que de vez em quando vem consolar-me uma palavra como esta que recolhi ao fim da oração (depois de ter permanecido no silêncio e na segura): “Eis o mestre que te dou, ele te ensinará tudo o que deves fazer. Quero levar-te a ler no livro da vida, onde está contida a ciência do Amor”. A ciência do Amor, ah sim! esta palavra ressoa docemente ao ouvido da minha alma, não desejo senão essa ciência... Compreendo tão bem que nada existe a não ser o amor que nos possa tornar agradáveis a Deus, que este amor é o único bem que ambiciono. Jesus com-praz-se em mostrar-me o único caminho que conduz a esta fornha Divina, este caminho é o *abandono* da pequena criança que se deixa dormir sem temor nos braços do Pai... “Se alguém for *pequenino*, venha a mim” *disse o Espírito Santo* pela boca de Salomão. E este mesmo *Espírito de Amor disse* ainda que “a misericórdia é concedida aos pequenos”».⁵⁹

⁵⁶ Or 12.

⁵⁷ Or 16.

⁵⁸ Ct 197.

⁵⁹ B I r - v.

6. «No Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor»

O Espírito de Amor, que derrama o amor de Deus nos nossos corações (Rm 5, 5), revelou-lhe que o amor é a sua vocação eclesial, pois é a energia que move (o motor) o coração da Igreja. Teresa descobre o Espírito Santo como «alma» da Igreja. «A Caridade é o *caminho excelente* que conduz com segurança a Deus». Teresa, cheia de alegria delirante (no acto da descoberta) e da paz calma e serena do navegador que avista o farol que o deve guiar ao porto (quando escreve), deixa transparecer o amor que o Espírito lhe infunde no seu coração, para no Coração da Igreja, que arde de Amor, encontrar a sua vocação e missão de querer ser o Amor. Estamos perante uma pneumatologia eclesiológica, pois, «o Fogo de Amor que arde sempre no Coração da Igreja é o Espírito Santo». A expressão «Eu serei o Amor» significa «a união mais perfeita ao Espírito Santo para amar na Igreja sob a sua moção, mesmo se não tem d'Ele uma consciência clara». Vale a pena transcrever, na íntegra, o seu texto, devido à sua carismática densidade vocacional e eclesial.

«A Caridade deu-me a chave da minha *vocação*. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo, composto por diferentes membros, não lhe faltava o mais necessário, o mais nobre de todos, compreendi que a Igreja tinha um Coração, e que este Coração estava ardendo de Amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja, que se o Amor viesse a apagar-se, os Apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os Mártires recusariam verter o seu sangue... Compreendi que o *Amor* encerrava todas as *Vocações*, que o Amor era tudo, que abraçava a todos os tempos e a todos os lugares... numa palavra, que ele é Eterno!... Então, no excesso da minha alegria delirante, gritei: Ó Jesus, meu Amor... encontrei por fim a minha vocação, a minha vocação é o Amor!... Sim encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes vós quem mo deu... no Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... assim serei tudo... assim o meu sonho será realizado!!!...».⁶⁰

⁶⁰ B 3 v. «Teresa faz do seu «deserto» «o coração da Igreja», que é onde se reza, ama, trabalha por amor, onde se sofre com os olhos no Crucificado e nos milhões de almas (...) Compreende como o amor constitui a força motora da Igreja» (C. Meester, *Les*

Descreve imediatamente o «pequeno caminho» para chegar ao Amor, como a «audácia» da «criança» que se «oferece ao Amor», motivada pela consciência profunda da sua «fraqueza», e pela nova economia da salvação de um Deus de amor que infunde confiança, e não de um Deus de justiça que gera o temor. Encontramos a mesma lógica de pensamento e de atitude no relato da descoberta do «pequeno caminho» de «confiança amorosa» para a santidade no acto de oferecimento ao Amor misericordioso. Estamos perante uma pneumatologia de cariz antropológico em que o Espírito do Amor Misericordioso transforma o homem em fogo de amor.

«Ó Farol luminoso do Amor, eu sei como hei-de alcançar-Te; encontrei o segredo para me apropriar da tua chama!!!... Não passo de uma criança impotente e fraca. Contudo, é a minha própria fraqueza que me dá a audácia para me oferecer como vítima ao teu Amor, ó Jesus! Antigamente, só as hóstias puras e sem mancha eram aceites pelo Deus forte e poderoso. Para satisfazer a Justiça divina, eram precisas vítimas perfeitas. Mas à lei do temor sucedeu a lei do Amor, e o Amor escolheu-me como holocausto, a mim, fraca e imperfeita criatura... Não é tal escolha digna do Amor?... Sim. Para que o *Amor fique plenamente satisfeito, é preciso que Ele se abaixe até ao nada, e transforme esse nada em fogo...* Ó Jesus! bem sei, o amor só com amor se paga. Por isso procurei e encontrei a maneira de aliviar o meu coração dando-Te Amor por Amor».⁶¹

Sabe bem que o processo de santificação é a «retribuição do amor com o amor». Como «o Amor se prova com as obras», não tem «outro meio» para «provar o seu amor», a Jesus e à Igreja, senão o de «lançar flores» a Jesus em benefício da Igreja. Teresa esquematiza um «programa pormenorizado» de santificação pela fidelidade amorosa nas pequenas coisas. Na verdade, O Espírito de Amor fez de Teresa «uma oferenda permanente».

«Mas, como testemunhará o seu Amor, já que o Amor se prova com as obras? Pois bem, a criancinha *lançará flores*, perfumará com os seus *aromas* o trono real, e cantará com a sua voz argentina o cântico do Amor... Sim, meu Bem-amado! assim se consumirá a minha vida... Não tenho outro meio de Te provar o meu amor, senão o de lançar flores, isto é, não deixar escapar nenhum pequeno

mains vides, pp. 36. 150). «Vivendo no coração da Igreja, que é o Espírito, pode exercer, no Espírito, todos os carismas e ministérios com que sonha. Vai exercê-los, fazendo do seu dia a dia um “contínuo martírio de amor”» (Daniel-Ange, *o. c.*, p. 56).

⁶¹ B 3 v.

sacrifício, nenhum olhar, nenhuma palavra; aproveitar todas as mais pequenas coisas e fazê-las por amor... ».⁶²

7. «A minha loucura é esperar que o teu Amor me aceite como vítima»

Além disso, o Espírito de Amor é a fonte dos seus «pequenos desejos infantis», das suas «esperanças que tocam o infinito», da sua «aspiração a possuir a plenitude do amor». De facto, é o Espírito Santo que faz crescer a sua caridade até ao infinito.

«Ah! perdoa-me Jesus se não sou razoável ao querer exprimir os meus desejos, as minhas esperanças que tocam o infinito, perdoa-me e cura-me a alma dando-lhe o que ela espera!!!... Como aliar estes contrastes? Como realizar os desejos da minha *pequena alma*?... Que responderéis a todas as minhas loucuras?... Mas o *puro amor* existe realmente no meu coração? Não são os meus desejos um sonho, uma loucura?... Ah!, se é assim, Jesus, esclarece-me, pois sabes, que procuro a verdade... se os meus desejos são temerários, fá-los desaparecer porque estes desejos são para mim o maior dos martírios... Se é tão delicioso o *desejo* de te *Amar*, que será o possuir, o gozar o Amor?... Como pode uma alma tão imperfeita como a minha aspirar a possuir a plenitude do Amor?... Ó Jesus, meu *primeiro*, meu *único Amigo*, tu que eu *amo UNICAMENTE*, diz-me, que mistério é este?... Porque não reservas estas imensas aspirações às grandes almas, às Águias que pairam nas alturas?...».⁶³

No Espírito pode «aspirar às regiões mais elevadas do amor», com a clarividência e a intrepidez de amor dos grandes santos, por meio de uma fidelidade contemplativa do amor de Jesus, com algumas pequenas infidelidades pelo meio, mas sempre «fixa no centro do Sol do Amor».

«Eu considero-me um débil passarinho coberto apenas por uma leve penugem. Não sou Águia. Dela tenho simplesmente os *olhos* e o *coração*, pois, apesar da minha extrema pequenez, ousou fixar o seu Divino Sol... Que felicidade para ela, *permanecer* ali, apesar de tudo, e fixar a luz invisível que se esconde à sua fé!!! (...)

⁶² B 4 v.

⁶³ B 4 v. Cf. M. Paissac, *Sainte Thérèse, Docteur de la Charité*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque 1990, pp.183 - 200.

Jesus, até agora, compreendo o teu amor para com o passarinho pois não se afasta de Ti. Mas eu sei, e Tu também o sabes, muitas vezes a imperfeita criaturinha, ficando embora no seu lugar (isto é, sob os raios do Sol), deixa-se distrair um pouco da sua única ocupação (...) recomeça o seu ofício de *amor...* destinado a ser *presa da Águia* que contempla no centro do Sol do Amor». ⁶⁴

Foi no Espírito Eterno que Jesus «se ofereceu a Si mesmo sem mancha ao Pai por nós» (Hb 9, 14). Foi no Espírito Santo que Teresa foi fiel ao Amor Misericordioso de Jesus até à loucura do holocausto de si mesma, na esperança de «voar até ao Sol do Amor com as próprias asas da Águia Divina» e, um dia, «ser mergulhada no ardente Abismo do Amor».

«Ó Jesus! deixa-me no excesso do meu reconhecimento, deixa-me dizer-te que o teu amor vai até à loucura... Como queres que perante esta Loucura, o coração não se me atire para ti? Como poderia a minha confiança ter limites?... Ah! por ti, bem o sei, também os Santos cometeram *loucuras*, realizaram grandes coisas porque eram águias... Jesus sou demasiado pequena para realizar grandes coisas... e a minha *loucura*, é esperar que o teu Amor me aceite como vítima... A minha *loucura* consiste em suplicar às Águias minhas irmãs que me obtenham o favor de voar até ao Sol do Amor com as próprias asas da Águia Divina... Por tanto tempo quanto quiseres, ó meu Bem-Amado, o teu passarinho ficará sem forças e sem asas; permanecerá sempre com os olhos fixos em Ti. Quer ser *fascinado* pelo teu olhar divino, quer tornar-se a *presa* do teu Amor... Um dia, assim o espero, Águia Adorada, virás procurar o teu passarinho, e subindo com ele à Mansão do Amor, mergulhá-lo-ás para a eternidade no ardente Abismo d'Este Amor ao qual se ofereceu como vítima.....». ⁶⁵

Na sua dor mística grita-nos que «o Amor não é amado»: «Ah, mais do que nunca o sinto, Jesus está com *sede*, não encontra senão ingratos e indiferentes entre os *discípulos do mundo* e entre os seus *discípulos íntimos*, encontra infelizmente poucos corações que se lhe entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura do seu Amor infinito». ⁶⁶

Ela é profeta universal de uma teologia da misericórdia e mensageira de uma antropologia da confiança na salvação do mundo. O Espírito

⁶⁴ B 5 r - v.

⁶⁵ B 5 v. Teresa é «Doutora do Amor que se quer dar» (A 2 v), em sua acção transformadora do coração do homem (Ct 197). «Assim como pôde ser proclamada padroeira das missões, assim também poderá ser doutora do evangelho da Misericórdia sem ter feito outras obras escritas que os seus manuscritos autobiográficos» (F. Girard, *a. c.*, p. 180).

⁶⁶ B 1 v.

leva-a a querer «comunicar os segredos» do Amor Misericordioso de Deus a todas as pequenas almas. Teresa evangeliza no poder do Espírito de Amor que se abaixa até ao nosso nada para nos salvar.

«Ó Jesus! bem posso dizer a todas as *pequenas almas* quanto é inefável a tua condescendência... sinto que, se por impossível, encontrasses uma alma mais fraca, mais pequena que a minha, tu te deliciarias a colmá-la de favores maiores ainda, se ela se abandonasse com inteira confiança à tua misericórdia infinita».⁶⁷

Ao terminar o *Ms B* pede a Jesus para que revele no Espírito, a todos, os segredos do seu amor misericordioso: «Peço-te que baixes o teu olhar divino sobre um grande número de *pequenas almas*... Peço-te que escolhas uma legião de *pequenas* vítimas dignas do teu AMOR!...».⁶⁸

A 2 de Fevereiro de 1897, na poesia *A Teófilo Vénard*, invoca o mártir de Tonkim para que a venha abrasar no amor de Deus a fim de poder voar para a sua companhia no Céu.

«Ah! se eu fosse uma flor primaveril
Que o Senhor quisesse cedo colher
Desce do Céu na minha hora derradeira
Eu te suplico, ó Ditoso Mártir!
Do teu amor de chamas virginais
Vem abrasar-me neste mundo mortal
E poderei voar com as almas
Que formarão o teu cortejo eterno!...».⁶⁹

8. «Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade»

Aos 24 anos confia-nos que o Espírito Santo a levou a procurar «o pequeno caminho» para a santidade e que, nos «Livros sagrados», o mesmo Espírito a fez encontrar o «ascensor do amor», os «braços de Jesus». N'Ele «amou as suas irmãs e sentiu-se amada por elas». Pelo «dom de inteligência» concedeu-lhe a «graça de *compreender* o amor fraterno» à luz do «maior amor» de Jesus pelos seus discípulos, manifestado no «dom da vida».

⁶⁷ B 5 v.

⁶⁸ B 5 v.

⁶⁹ P 47, 7.

«Este ano, minha querida Madre, Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade... Ah! compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em se edificar com os mais pequenos actos de virtude que se lhes vêem praticar, mas sobretudo compreendi que a caridade não deve permanecer encerrada no íntimo do coração: Ninguém acende uma lâmpada, disse Jesus, para a meter debaixo do alqueire, mas coloca-se sobre o candelabro, para que ilumine *todos* os que estão em casa, sem exceptuar ninguém».⁷⁰

O Espírito revelou-lhe ainda que poderia amar as suas Irmãs «como Jesus amou os seus discípulos» se se mantivesse «unida a Jesus».

«Sim bem o sinto, quando sou caridosa, é unicamente Jesus que age em mim; quanto mais estou unida a Ele, tanto mais amo também as minhas irmãs».⁷¹

O Espírito concedeu-lhe a «graça de *viver* o amor fraterno». A sua caridade fraterna é radicalmente graça do Espírito, ou antes, é o próprio Jesus a amar nela, pelo seu Espírito, as suas irmãs. Recorda-nos, assim, Teresa que o nosso Deus está presente no meio de nós (Mt 18, 20; 28, 20), visivelmente na sua Igreja e invisivelmente no Espírito Santo, e é capaz de fazer maravilhas em nós e no meio de nós pelo poder do seu Espírito de Amor.

«Ah, Senhor, sei que não ordenais nada de impossível, conheceis melhor do que eu a minha fraqueza, a minha imperfeição, bem sabeis que nunca poderia amar as minhas irmãs como vós as amais, *se vós mesmo*, ó meu Jesus, as não *amásseis* também *em mim*. É porque vós querieis conceder-me esta graça que decretastes um mandamento *novo*. Oh! quanto o amo pois me dá a certeza de que a vossa vontade é *amardes em mim* todos aqueles que me mandais amar!...».⁷²

Na verdade, o Espírito, pela união de amor com Jesus, «dilatou-lhe o coração», isto é, aumentou-lhe a capacidade de amar as suas Irmãs.

«Nada existe a não ser a caridade que me possa dilatar o coração. Ó Jesus, desde que esta doce chama me consome, corro com alegria no caminho do vosso mandamento *novo*... Quero

⁷⁰ C 11 v - 12 r.

⁷¹ C 12 v. «Quanto mais aprende a amar Jesus, mais também a sua *ternura* cresce para os seus queridos familiares» (Ct 133). «Amo-te mil vezes mais *ternamente* que se amam as irmãs ordinárias, pois que posso amar-te com o *coração* do nosso Esposo Celeste» (Ct 186).

⁷² C 12 v.

correr por ele até ao dia feliz em que, unindo-me ao cortejo virginal, poderei seguir-vos pelos espaços infinitos, cantando o vosso cântico *novo* que deve ser o do Amor». ⁷³

É também ao Espírito que deve «a graça de educar as noviças» no caminho que Jesus traçou para cada uma delas. É Ele que a faz compreender que «Nosso Senhor se ocupa tão particularmente de cada alma», mas «dá-se a cada uma com desigual medida de graças».

«Desde que compreendi que me era impossível realizar qualquer coisa por mim mesma, o encargo que me impusestes deixou de me parecer difícil, senti que o único necessário era unir-me cada vez mais a Jesus e que o resto me seria dado por acréscimo. De facto, nunca a minha esperança foi confundida. Deus dignou-se encher-me a mãozita tantas vezes quantas foram necessárias para alimentar as minhas irmãs». ⁷⁴

Em definitiva, reconhece que o Espírito é o autor do «banquete espiritual» da sua caridade fraterna na Comunidade de Lisieux.

«Quero ser amável com toda a gente (e particularmente com as irmãs menos amáveis) para alegrar Jesus (...) Que banquete poderá uma carmelita oferecer às suas irmãs a não ser um banquete espiritual composto de caridade amável e alegre?». ⁷⁵

Deve-se ainda ao Espírito o seu «coração universal», que a faz «abrasar o mundo», ser uma com a humanidade, e «abraçar» toda a Igreja, rezando pelos sacerdotes, pelo Santo Padre e por todos os missionários.

«*O zelo de uma carmelita deve abrasar o mundo*». Espero mesmo, com a graça de Deus, ser útil a mais de dois missionários, e não me poderia esquecer de rezar por todos, sem pôr de parte os simples sacerdotes, cuja missão, por vezes, é tão difícil de cumprir como a dos apóstolos que pregam aos infiéis. Enfim, quero ser filha da Igreja, como a nossa Madre santa Teresa, e rezar pelas intenções do nosso santo Padre o Papa, sabendo que as suas intenções abarcam o universo. Eis a finalidade geral da minha vida». ⁷⁶

⁷³ C 16 r. Cf. A. Combes, *Introduction à la spiritualité de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus*, Vrin, 1948, pp. 156 - 157.

⁷⁴ C 22 v. Não um acréscimo mágico, por certo, mas de cooperação com Jesus, na guia e correcção das almas (C 23 r).

⁷⁵ C 28 v.

⁷⁶ C 33 v.

9. «Uma alma abrasada de amor não pode ficar inactiva»

Atraída pelo amor do Pai, pela graça de Jesus e pela comunhão do Espírito Santo, «atrai», por sua vez, as almas para o amor de Deus. Participa, no Espírito, do mesmo Amor misericordioso de Jesus e da mesma oração de Jesus pelos seus.

«Queria poder dizer-vos, ó meu Deus: Glorifiquei-vos na terra; levei a cabo a obra que me destes a realizar, fiz conhecer o vosso nome àqueles que me destes: eram vossos, e destes-mos. Agora conhecem que tudo o que me destes vem de vós; porque lhes comuniquei as palavras que me comunicastes, receberam-nas e acreditaram que fostes vós que me enviastes. Peço por aqueles que me destes porque são vossos. Já não estou no mundo; quanto a eles ainda continuam nele e eu volto para vós. Pai Santo, conservai pelo vosso nome aqueles que me destes. Agora vou para vós, e é a fim de que a alegria que vem de vós seja perfeita neles, que digo isto enquanto estou no mundo. Não vos peço que os retireis do mundo, mas que os preserveis do mal. Não são do mundo, assim como eu também não sou do mundo. Não é só por eles que peço, mas é também por aqueles que hão-de crer em vós por meio do que lhes ouvirão dizer... Meu Pai, desejo que onde eu estiver, aí estejam comigo aqueles que me destes, e que o mundo conheça que vós os amastes como me amastes a mim mesmo».⁷⁷

Sem o Espírito de Amor não lhe seria possível reler a «história da sua alma» desde a óptica da experiência do amor de Jesus que, na sua perspectiva, a amou mais do que a ninguém. Como tal deseja amá-Lo com igual amor.

«Bem o sabeis, ó meu Deus, nunca desejei senão amar-vos, não ambiciono outra glória... cá na terra, não posso conceber maior imensidade de amor do que a que vos dignastes prodigar-me gratuitamente sem nenhum mérito da minha parte».⁷⁸

⁷⁷ C 34 r - v. «A oração sacerdotal de Jesus depois da Ceia converteu-se na verdadeira oração desta irmã abrasada pela febre... *reza com a sua mesma oração* e respira com o mesmo sopro de seu amor» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión. Las grandes leyes de la espiritualidad teresiana*, San Sebastian, 1957, p. 141)

⁷⁸ C 35 r.

Por fim, o Espírito é a fonte do seu poder de atracção crística. Abrasada no fogo do amor de Jesus, «atrai as almas para as chamas do seu amor». O movimento amoroso do Espírito de Amor é a lei da gravitação das almas em torno de Cristo.

«Que vem a ser pedir para ser *Atraído*, senão unir-se de uma maneira íntima ao objecto que cativa o coração?... Eis a minha oração, peço a Jesus que me atraia para *as chamas do seu amor*, que me una tão estreitamente a Si, que Ele viva e actue em mim. Sinto que *quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração*, tanto mais direi: *Atraí-me*, mais também as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacinho de ferro inútil, se me afastasse da fogueira divina), mais estas almas correrão com rapidez no odor dos perfumes do seu Bem-Amado, porque *uma alma abrasada de amor não pode ficar inactiva*».⁷⁹

Esta «actividade apostólica do amor» cantava-a ela a 21 de Janeiro do ano de graça de 1896 na Recreação Piedosa *A Fuga para o Egipto*. O deserto do Carmelo haveria de ser povoado de numerosas religiosas consagradas só a amar Jesus para alegria de Deus e dos Anjos do Céu e para fúria de Satanás.

«Ó Deus oculto! *almas virginais*
Abrasadas pelas chamas do amor
 Lançar-se-ão no vosso rasto real
 E os desertos povoar-se-ão um dia.
 Estes corações ardentes, estas almas seráficas
 Alegrarão todos os anjos dos Céus
 Mas o humilde tom dos seus divinos cânticos
 Fará tremer o abismo tenebroso».⁸⁰

10. «A oração que abrasa com fogo de amor»

O Espírito, com as chamas do seu amor, não só ilumina as almas dos santos na ciência do Amor, como, por meio da sua «oração que abrasa com fogo de amor», salva o mundo do desamor. A oração contemplativa e apostólica desta nova Madalena sentada aos pés de Jesus – «parecendo não dar nada, dá muito mais do que Marta» – é,

⁷⁹ C 35 v - 36 r. Cf. F. - M. Léthel, *a. c.*, p. 114.

⁸⁰ RP 6, 11 r.

afinal, a de todos os grandes santos que, na oração, adquiriram a Sabedoria, e na acção e paixão, dignificaram a humanidade.

«Todos os santos o compreenderam e mais especialmente aqueles que encheram o universo com a iluminação da doutrina evangélica. Não foi acaso na oração que os S.^{tos} Paulo, Agostinho, João da Cruz, Tomás de Aquino, Francisco, Domingos, e tantos outros ilustres Amigos de Deus beberam esta ciência Divina que arrebatava os maiores génios?... O Todo-Poderoso deu-lhes como ponto de apoio: *Ele mesmo e Ele só*; e, como alavanca: *a oração que abrasa com fogo de amor*, e foi assim que eles levantaram o mundo, é assim que os Santos ainda militantes o levantam e que, até ao fim do mundo, os futuros Santos o levantarão também ».⁸¹

O Espírito de Amor que a santificou na vida consagrada constitui o «segredo» da sua oração contemplativa e apostólica. Já em Outubro de 1895 rezava desta maneira: «Peço-Vos, ó meu Deus! que não olheis para o que sou, mas para o que deveria ser e queria ser – *uma religiosa totalmente abrasada no vosso amor*».⁸²

A 23 de Junho de 1896 escrevia ao P. Roulland a pedir-lhe que rezasse por ela para que fosse abrasada pelo fogo do Amor misericordioso de Jesus a fim de o poder ajudar a acendê-lo nos corações.

«Suplico-vos, meu Reverendo Padre, rezai por mim a Jesus, no dia em que Ele se dignar pela primeira vez descer do Céu à vossa voz, pedi-Lhe que *me abraze do fogo do seu Amor* para que eu possa em seguida ajudar-vos a *acendê-lo nos corações*».⁸³

A 21 de Outubro de 1896, em carta ao P. Bellière, não apenas reza por ele para que seja um bom e santo missionário abrasado no amor de Deus e das almas, mas pede-lhe que lhe alcance também este amor para ela o poder ajudar no seu apostolado.

⁸¹ C 36 r - v. «Teresa não quer dizer que *a oração em quanto tal*, qualquer oração, seja alavanca, mas *a oração na que o coração pede ser abrasado pelo amor de Jesus*. «A oração que queima com fogo de amor», é esta e só esta oração que é alavanca, a do coração que arde em amor» (J. F. Six, *Una luz en la noche. Los 18 últimos meses de Teresa de Lisieux*, San Pablo, Madrid, 1996, pp. 185 - 186). Em definitiva, a alavanca é o AMOR: «compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja... cujo Coração está ardendo de Amor» (B 3 v).

⁸² Or 8. «O mais leve dos seus *suspiros de Amor abrasará*, com um ardor inteiramente novo, os meus soldados de elite» (Ct 183).

⁸³ Ct 189. Já a 26 der Fevereiro de 1895 suplicava ao Senhor o Espírito Santo para a santificação dos sacerdotes: «Viver de Amor, é, Divino Mestre, / *Suplicar-te que derrames o teu Fogo* / Na alma santa e sagrada do sacerdote / Que ele seja mais puro do que um serafim dos céus!...» (P 17, 10).

«Peço-Lhe para que sejais, não só um *bom* missionário mas um *santo abrasado do amor de Deus e das almas*; suplico-vos que alcancéis também para mim este amor para que eu possa ajudar-vos no vosso trabalho apostólico. Vós sabeis que uma carmelita que não fosse apóstola afastar-se-ia da sua vocação e deixaria de ser filha da Seráfica Santa Teresa que desejava dar mil vidas para salvar uma só alma». ⁸⁴

A 1 de Novembro de 1896 pede ao P. Roulland que continue a rezar por ela para que Deus a abrase no seu Amor e promete-lhe rezar sempre por ele e oferecer sempre o amor dos dois na Eucaristia.

«Prometeis-me, meu Irmão, continuar todas as manhãs a dizer no Sagrado Altar: “*Meu Deus, abrasai a minha Irmã no vosso amor*”, fico-vos profundamente reconhecida e não tenho dificuldade em garantir-vos que as vossas condições são e serão *sempre* aceites. Tudo o que peço a Jesus para mim, peço-o também para vós; quando ofereço o meu fraco amor ao Bem-amado, tomo a liberdade de oferecer ao mesmo tempo o vosso». ⁸⁵

Em Fevereiro de 1897 pede ao P. Bellière que reze por ela a seguinte oração: “Pai misericordioso, em nome do nosso Doce Jesus, da Virgem Maria e dos santos, suplico-Vos que *abraseis a minha Irmã no vosso Espírito de Amor* e que lhe concedais a graça de vos fazer amar muito”. Prometeste-me rezar por mim durante toda a vossa vida, ela será sem dúvida mais longa do que a minha e não vos é permitido cantar como eu: “Assim espero, o meu exílio será breve!...”, mas também não vos é permitido esquecer a vossa promessa. Se o Senhor me levar depressa com Ele, peço-vos que continueis a rezar todos os dias a mesma oraçãozinha, porque eu desejarei no Céu o mesmo que na terra: Amar Jesus e fazê-l’O amar». ⁸⁶

Tem consciência, no Espírito, de possuir uma missão espiritual no seio da Igreja:

«Sinto que vou entrar no repouso... Mas sinto sobretudo que *a minha missão vai começar*, a minha missão de fazer amar o bom Deus como eu o amo, de dar o meu pequeno caminho às almas. Se o bom Deus escuta os meus desejos, o meu Céu será passado na terra *até ao fim do mundo*. Sim, quero passar o meu Céu a fazer bem na terra...». ⁸⁷

⁸⁴ Ct 198.

⁸⁵Ct 201.

⁸⁶ Ct 220.

⁸⁷ UC 17. 7.

11. «Uma religiosa totalmente abrasada no vosso amor»

Não foi acaso com a ajuda do «Espírito de Amor», que «derrama o amor de Deus nos nossos corações» (Rm 5, 5), que ela «acreditou e, por isso, falou» que «Jesus é o Senhor»? (1 Cor 12, 3). Não foi no silêncio do Espírito, que «sopra onde quer» (Jo 3, 8),⁸⁸ que, no início da sua oração mística, essa «oração seca»,⁸⁹ aprendeu a «ciência do Amor»?⁹⁰ O seu «oferecimento ao Amor misericordioso» não é a plena «docilidade ao Espírito» – «o seguimento do movimento do Espírito Santo»,⁹¹ – que a faz amar e fazer amar a Trindade, a Igreja e o Mundo?⁹² A sua vida, consagrada pelo Espírito, foi na Igreja, uma «existência transfigurada» em «confissão da Trindade».⁹³

«O Espírito de Amor» «abrasou» «com o seu fogo»,⁹⁴ isto é, «com o seu amor»,⁹⁵ o coração de Teresa num Pentecostes que renovou a face da sua terra,⁹⁶ e lhe revelou o seu lugar na Igreja.⁹⁷ Estamos perante uma «pneumatologia *pastoral*».

⁸⁸ UC 12. 8. 3.

⁸⁹ Cf. Ct 74; Ct 75. «Este silêncio é a palavra mais poderosa - a Palavra é Oração - e esta ausência a presença mais imediata» (F. Varillon, O sofrimento de Deus, *O sofrimento de Deus*, Braga, 1996, p. 108).

⁹⁰ Teresa ora de «coração a coração» com Jesus (P 17, 3), em recíproca comunicação de amor sponsal (Ct 122). A cena de Jesus, aos 12 anos, entre os doutores (Lc 2, 46 - 47) repete-se agora com Teresa, aos 14 anos, entre os teólogos (A 49 r) . Se antes Teresa fazia oração *sem o saber* (A 33 v), agora, faz da oração o *seu saber* (A 49 r).

⁹¹ C 2 v.

⁹² Or 6.

⁹³ Ct 165. A pneumatologia teresiana é uma pneumatologia «explícita» do mistério da Santíssima Trindade - «O *Espírito de Amor* abraça-me com o seu fogo» - (P 17, 2) e uma pneumatologia «implícita» da Trindade: «Já que Vós me amastes até me dardes o vosso Filho único (...) Não olheis para mim senão através da Face de Jesus e no seu Coração ardente de *Amor*» (Or 6).

⁹⁴ «Há que reconhecer no “fogo”, que abraça de amor a sua alma de carmelita, a presença e a acção do Espírito Santo» (J. Baudry, «Espírito Santo», em *Diccionario de Santa Teresa de Lisieux*, em Monte Carmelo, Burgos, 1997, 233 - 234).

⁹⁵ «O fogo, não é o amor?... Pelo contacto com ele, a nossa alma há-de tornar-se como uma chama de amor, espalhando-se por todos os membros do corpo de Cristo que é a Igreja; então havemos de consolar o Coração do nosso Mestre e Ele poderá dizer em nós mostrando ao Pai: “Já sou glorificado neles”» (Isabel da Trindade, Ct 250).

⁹⁶ Cf. A 84 v.

⁹⁷ «Sim, encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes vós que mo destes» (B 3 v).

«Minha Irmã, Jesus pequenino,
 A doce Lareira dos eleitos
 Treme de frio no estábulo
 Todavia no lindo Céu azul
 Anjos, labaredas de fogo,
 Serviam o Verbo Adorável.
 Mas na terra sois vós
 A lareira do vosso Esposo
 Ele pede-vos as vossas chamadas
 Sois vós que deveis, minha Irmã,
 Para aquecer o Salvador,
Abrasar todas as almas».⁹⁸

Além disso, fê-la «doutora do Amor de Jesus» no «Coração da Igreja».⁹⁹ A Igreja de Jesus é animada pelo Espírito de Amor: «Compreendi que a Igreja tinha um Coração, e que este Coração arde de Amor».

«Não é difícil de explicitar este ponto de vista pneumatológico na eclesiologia do *Ms B*, porque o Fogo de Amor que arde sempre no Coração da Igreja é evidentemente o Espírito Santo dado no Pentecostes por Jesus Ressuscitado. Teresa descobre então o esplendor desta «Chama de amor viva» do Espírito Santo em todas as suas dimensões que são as do Infinito. Este Amor que vem de Jesus e que conduz a Jesus, que por Jesus vem do Pai e conduz ao Pai, é o Amor eterno e infinito que abraça o céu e a terra, todos os tempos e todos os lugares, todas as vocações. É o Espírito Santo, Amor pessoal do Pai e do Filho, dado à Igreja. Na teologia teresiana, o Amor é sempre a realidade fundamental que inclui todas as outras, que esclarece todas as outras».¹⁰⁰

Outrossim, descobriu-lhe o «pequeno caminho» da santidade¹⁰¹ para ela «o dar às almas».¹⁰² Numa palavra, o Espírito santificou-a,¹⁰³ como santifica todos os santos na «ciência do Amor», com que eles e ela «levantam o mundo».

De facto, os santos «conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus» (Rm 8, 14), e «guias» dos seus irmãos no caminho da vida eterna.

⁹⁸ RP 5, 23.

⁹⁹ B 3 v. «A expressão «Eu serei o Amor» significa que Teresa se quer unir o mais perfeitamente ao Espírito Santo, para amar sob a sua moção, mesmo se não tem dele uma consciência clara» (P. - M. Jerumanis, *Un maître pour pénétrer dans la parole de Dieu*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 50).

¹⁰⁰ *Positio*, p. 288.

¹⁰¹ C 2 v - 3 r.

¹⁰² UC 17. 7.

¹⁰³ «Sim para que o Amor fique plenamente satisfeito, é necessário que Ele se baixe, que se baixe até ao nada e transforme em *fogo* este nada» (B 3 v).

«O Espírito de verdade comunicou-lhe e manifestou-lhe o que costumava esconder aos sábios e aos prudentes e revelar aos pequenos. Na verdade, ela foi dotada com tanta ciência das coisas celestes para apontar aos outros o caminho certo da salvação».¹⁰⁴

Neste sentido, admite-se, de bom grado, que Teresa é uma «teóloga do Espírito Santo».¹⁰⁵ A sua teologia do Espírito Santo, mais que especulativa e discursiva, é sobretudo simbólica. Usa a «água», símbolo do Espírito Santo, para exprimir todo o dinamismo da graça baptismal na sua vida cristã, qual «mergulho» no «rio de água viva que jorra do coração trespassado de Cristo» (Jo 7, 38; 19, 34), que se torna no seu coração «uma fonte de água que jorra para a vida eterna» (Jo 4, 14), «um rio de água que já não se pode atravessar» (Ez 47, 5).

«Ó Jesus, nem sequer é necessário dizer: “Atraindo-me, atraí as almas que amo!”. Esta simples palavra: “Atraí-me”, basta, Senhor, eu compreendo. Quando uma alma se deixou cativar pelo odor inebriante dos vossos perfumes, não seria capaz de correr sozinha: todas as almas que ama são arrastadas atrás dela. Isto faz-se sem constrangimento, sem esforço; é uma consequência natural da sua atracção para Vós. Assim como *uma torrente, lançando-se impetuosamente no oceano*, arrasta consigo tudo o que encontrou no seu percurso, do mesmo modo, ó meu Jesus, *a alma que mergulha no oceano sem limites do vosso amor*, leva com ela todos os tesouros que possui... Senhor, bem o sabeis, não tenho mais nenhum tesouro a não ser as almas que Vos aprovou unir à minha».¹⁰⁶

Usa ainda o «fogo», símbolo do Espírito Santo, para exprimir «o poder de atracção» (Jo 12, 33) que o Amor de Jesus, morto e ressuscitado, exerce sobre o seu coração em processo de santificação, ou, como dizem os Padres da Igreja, de «divinização», e que ela invoca, como Fogo que «a penetra e embebe com a sua ardente substância» para, por sua vez, ser «atraente», isto é, força de atracção das almas para Jesus, pois «*uma alma abrasada de amor não pode ficar inactiva*».¹⁰⁷

¹⁰⁴ Pio XI, AAS 17 (1925) p. 213. «Não é escutar o Espírito Santo, negligenciar a mensagem de Teresa de Lisieux» (H. U. von Balthasar, *Wer ist ein Christ?*, Denzinger, 1965, p. 83).

¹⁰⁵ «A teologia de Teresa de Lisieux é essencialmente uma teologia do Espírito Santo» (H. U. von Balthasar, «Actualité de Lisieux», em *Thérèse de Lisieux, Conférences du Centenaire (1873 - 1973)*, Paris, 1973, p. 112). Cf. CRG, p. 52.

¹⁰⁶ C 34 v.

¹⁰⁷ C 36 r.

«Baptizada no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19) – «ó meu Deus, Trindade Bem-aventurada» – fala explicitamente do Filho Jesus enviado pelo Pai, e implicitamente do Espírito Santo, fogo de amor que arde no coração do Filho e que o Pai nos dá pelo seu Filho. Todo o amor de que Teresa é objecto vem do Pai, que lhe deu o seu Filho e que a ama sempre pelo seu Filho, no Espírito Santo, «através da Face de Jesus e no seu Coração ardente de Amor». Ao dom total do Pai dando o seu Filho e o Espírito de seu Filho, responde oferecendo-se inteiramente ao fogo do amor como «holocausto», isto é, para ser totalmente queimada. No Espírito Santo que é Ele mesmo este Fogo de Amor, dá-se a Jesus, ao seu «Coração ardente de Amor», e por Jesus, é ao Pai, fonte do mesmo amor que ela se dá. O oferecimento ao Amor Misericordioso é pois oferecimento a toda a Trindade, mas o centro deste oferecimento é sempre Jesus.

«Já que Vós me amastes até me dardes o vosso Filho único para ser o meu Salvador e o meu Esposo, os tesouros infinitos dos seus méritos são meus: ofereço-Vo-los com alegria, suplicando-Vos que não olheis para mim senão através da Face de Jesus e no seu Coração ardente de Amor».

Por fim, o oferecimento corresponde mais particularmente ao Mistério do Espírito, Fogo de Amor e Rio de Água viva, de quem recebeu a inspiração para se oferecer como vítima de holocausto ao Amor misericordioso de Deus.¹⁰⁸ Aqui a água e o fogo significam o Espírito Santo no qual nos é oferecida a comunhão de Amor, troca de Amor com Jesus, com o Pai, com toda a Trindade. A última parte da oração corresponde ao artigo do Símbolo sobre o Espírito Santo, ligado aos precedentes do Pai e do Filho, e ao seguinte da Igreja. O Espírito é em Pessoa o Amor de Jesus e de seu Pai; é o fogo comunicado por Jesus à sua Igreja, a água viva que jorra do seu coração. Assim, depois de ter contemplado o Pai, que é a fonte, depois de ter contemplado longamente Jesus, o Filho incarnado, Teresa oferece-se agora ao fogo do seu Amor, que é o Espírito Santo. Tudo vem do Pai, por Jesus, no Espírito Santo, e tudo retorna ao Pai por Jesus no Espírito Santo. Assim é no fogo do Espírito que Teresa se oferece

¹⁰⁸ «No domingo, 9 de Junho de 1895 - festa da Santíssima Trindade - durante a missa, recebeu a inspiração de se oferecer como vítima de holocausto ao amor misericordioso do bom Deus...» (CRG, p. 75). «... Teve como que *compaixão do bom Deus* e foi inspirada a oferecer-se como vítima ao seu Amor a fim de o compensar, permitindo-lhe derramar no seu coração de filha, as ondas de Amor comprimidas no Seu» (CRG, p. 215).

finalmente ao Amor misericordioso. O oferecimento de Teresa é um oferecimento a toda a Trindade. Oferece-se ao Fogo que é o Espírito Santo. N'Ele, ela oferece-se a Jesus, ao seu Coração ardente de Amor para consolar este Coração dando-lhe a alegria de não comprimir as suas ondas de infinitas ternuras que estão contidas nele. Pelo Coração de Jesus, oferece-se ao Pai; responde ao Amor do Pai que lhe deu o seu Filho e o Espírito de Jesus por este mesmo Coração. Oferecendo-se ao Amor, Teresa oferece-se ao Pai por Jesus no Espírito Santo, segundo este ritmo trinitário que é o da vida divina e da divinização, da teologia e da economia.

«A fim de viver num acto perfeito de Amor, ofereço-me como vítima de holocausto ao vosso amor misericordioso, suplicando-Vos que me consumais sem cessar, deixando transbordar para a minha alma as ondas de ternura infinita que estão encerradas em Vós, e que assim eu me torne Mártir do vosso Amor, ó meu Deus!...».

12. «O Espírito Santo falava pela sua boca»

Não só «queria aprender o hebraico e o grego, sem se contentar com o latim», para «conhecer *o verdadeiro texto ditado pelo Espírito Santo*»,¹⁰⁹ com se tornou «pneumática» nas suas palavras.

«A tudo o que lhe dizíamos, ela tinha uma resposta e, para se fazer compreender bem, *citava textos da Sagrada Escritura* ou contava histórias que nos gravavam na memória as verdades que ela nos queria inculcar. Admirava a sua grande sagacidade para diagnosticar as astúcias da natureza, os diversos movimentos da nossa alma. Tinha, com efeito, uma perspicácia muito celeste, a tal ponto que críamos, por vezes, que ela lia o nosso pensamento. Sentíamos-la verdadeiramente inspirada, consultava-a, crendo que ela não se podia enganar e que *o Espírito Santo falava pela sua boca*, sem que nada entretanto saísse do ordinário e que ela parecia duvidar da graça que operava nela».¹¹⁰

Na verdade, Teresa de Lisieux, possuidora do *dom da profecia*, deixou-nos «uma palavra cheia de espírito»,¹¹¹ melhor dito, «o Espírito

¹⁰⁹ UC 4. 8. 5.

¹¹⁰ CSG p. 9.

¹¹¹ C 19 r.

Santo falava pela sua boca»,¹¹² quando nos recorda que «todos fomos baptizados num só Espírito» (1 Cor 12, 13): «É preciso que o baptismo / Derrame na tua alma uma santa brancura, / É preciso que o *Espírito Santo seja a vida do teu coração*».¹¹³

«Compreendi que para amar Jesus, ser sua *vítima de amor*, quanto mais fraco se é, sem desejos, nem virtudes, tanto mais puro se está para as *operações deste Amor* consumidor e transformante (...) Amemos a nossa pequenez, amemos nada sentir, seremos então pobres de espírito e Jesus virá procurar-nos, por muito longe que estejamos Ele transformar-nos-á em *chamas de amor*...».¹¹⁴

Um dia, manifestou a sua «alegria por ter conhecido a Santa Madre Genoveva», «uma santa de maneira nenhuma inimitável, mas santificada por virtudes escondidas e ordinárias», uma autêntica «carismática», possuidora do «dom de profecia» em relação a Teresa, que atravessava a prova mais dura, o decaimento da confiança, a sensação de não ser amada por Deus.

«Várias vezes recebi dela grandes consolações, especialmente num domingo... olhando-me *com ar inspirado*, disse-me: “Esperai, minha filhinha. Vou apenas dizer-vos uma palavrinha. Todas as vezes que cá vindes, pedis-me que vos dê um ramalhetes espiritual. Pois bem, hoje vou dar-vos este: Servi a Deus com paz e com alegria. Lembrai-vos, minha filha, de que o nosso Deus é o Deus da paz». Depois de lhe ter agradecido com simplicidade, saí comovida até às lágrimas, e convencida de que *Deus lhe tinha revelado o estado da minha alma*. Naquele dia encontrava-me numa extrema provação, quase triste, numa noite tal, que até duvidava se Deus me amava. Por isso, minha querida Madre, bem adivinhais a alegria e a consolação que senti!... No Domingo seguinte, quis saber *que revelação* tinha tido a Madre Genoveva. Garantiu-me que não tinha recebido *nenhuma*. Então a minha admiração foi ainda maior, vendo *em que eminente grau Jesus vivia nela e a fazia agir e falar*. Ah!! essa santidade parece-me a mais verdadeira, a mais santa, e é a que desejo, pois não se encontra nela nenhuma ilusão...».¹¹⁵

«Procurai – diz S. Paulo – a caridade e aspirai aos dons espirituais sobretudo ao da profecia, porque o que profetiza fala aos homens, para sua

¹¹² «Aquele a quem Deus enviou diz palavras de Deus, porque Deus não lhe comunicou o seu Espírito por medida (Jo 3, 34) (UC 21 / 16. 5.11).

¹¹³ P 3, 61 - 64.

¹¹⁴ Ct 197.

¹¹⁵ A 78 r.

edificação, exortação e consolação... o que profetiza edifica a Igreja» (1 Cor 14, 1-4). O profeta Joel anunciara: «Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura. Os vossos filhos e as vossas filhas hão-de profetizar; os vossos jovens terão visões e os vossos velhos terão sonhos. Certamente, sobre os meus servos e as minhas servas derramarei o meu Espírito e eles hão-de profetizar» (Jl 3, 1-2).

«Profetizar significa exprimir com a palavra e com a vida “*as grandes obras de Deus*” (Act 2, 11), consoante a verdade e a originalidade de cada pessoa, seja homem ou mulher».¹¹⁶ Neste sentido existencial, a vida de Teresa é um testemunho profético das “*mirabilia Dei*”: «Ó minha querida Madre! depois de tantas graças, não poderei eu cantar com o salmista: “O Senhor é *bom*, é eterna a sua *misericórdia*?”. Parece-me que se todas as criaturas tivessem as mesmas graças que eu, Deus não seria temido por ninguém, mas amado até à loucura, e que por *amor*, e não a tremer, nunca nenhuma alma consentiria em contristá-l’O!...».¹¹⁷

Teresa possuía *o dom do discernimento dos espíritos*, ou, como ela diz, «o dom de ler nas almas». Na verdade, «o Espírito falava pela sua boca».

«Muitas vezes as noviças dizem-me: “Tendes resposta para tudo; pensava desta vez embarçar-vos... Onde é que ides buscar o que nos dizeis? Há-as tão ingénuas, que acreditam que lhes leio na alma, porque me aconteceu antecipar-me a elas e dizer-lhes o que estavam a pensar... Tinha a certeza de não ter *o dom de ler nas almas*, e fiquei verdadeiramente admirada por ter acertado em cheio. Senti claramente que Deus estava muito próximo, e que, sem me dar conta, tinha dito, como uma criança, palavras que não vinham de mim, mas d’Ele».¹¹⁸

Além disso, exerceu o ministério da cura interior das doenças morais dalgumas de suas Irmãs, que é basicamente um dom de caridade (Act 10, 38) – «exerceu junto dessas almas feridas o ofício do Bom Samaritano» –, bem como o carisma de praticar a misericórdia com alegria (Rm 12, 8): «quero ser amável com todas... para alegrar uma alma triste... para dar alegria a Jesus».

¹¹⁶ J. Paulo II, *MD* n. 16.

¹¹⁷ A 83 v.

¹¹⁸ C 26 r. Cf. UC 24.9.10; CRG, p. 23.

«Pensando em todas estas coisas, disse para comigo que deveria ser tão compassiva com as doenças espirituais das minhas Irmãs, como o sois vós, minha querida Madre, tratando-me com tanto amor (...) Devo procurar, no recreio, nas licenças, a companhia das Irmãs que me são menos agradáveis, *exercer junto dessas almas feridas o ofício do Bom Samaritano*. Uma palavra, um sorriso amável, bastam, muitas vezes, para alegrar uma alma triste; mas não é exclusivamente para atingir esse objectivo que quero praticar a caridade, pois sei que bem depressa desanimaria: uma palavra que terei dito com a melhor intenção poderá ser interpretada completamente ao contrário. Assim, para não perder o meu tempo, quero ser amável para com todas (e particularmente para com as Irmãs menos amáveis), para dar alegria a Jesus, e corresponder ao conselho que Ele dá no Evangelho...».¹¹⁹

É ainda o Espírito que lhe concede o «dom das lágrimas», a graça de se «sentir uma grande pecadora» diante da «Misericórdia» de Deus, fazendo-a comungar do seu amor e derramar lágrimas de gratidão e contrição perfeita. O «dom das lágrimas», a «beatitude das lágrimas», é um «dom de ciência» dado pelo Espírito Santo.

«Oh! sim, pensava eu, é bom pedir perdão para mim, neste momento, a Deus, a todos os santos... Sentia-me como o publicano, uma grande pecadora. Achava Deus tão misericordioso! Achava tão comovente dirigirmo-nos a toda a Corte Celeste, para obter por sua intercessão, o perdão de Deus! Ah! quase chorei, e quando a Sagrada Hóstia chegou aos meus lábios, senti-me comovidíssima.

...Creio que as lágrimas que chorei esta manhã eram lágrimas de contrição perfeita. Ah! como é impossível ter por si só tais sentimentos! *É o Espírito Santo que os dá*, Ele “que sopra onde quer”.¹²⁰

No final da sua vida, a dois meses e meio da sua morte, em resposta à M. Inês, que lhe pergunta sobre o que pensa da predilecção de Deus para com ela, Teresa, na linha joanina (Jo 3, 8), canta um hino de louvor à liberalidade da gratuidade do Espírito Santo na sua vida. É o seu «tudo é graça».¹²¹

«*Como Deus a favoreceu! Que pensa desta predilecção? - Penso que “o Espírito de Deus sopra onde quer”*».¹²²

¹¹⁹ C 27 v - 28 v.

¹²⁰ UC 12. 8. 3.

¹²¹ UC 5. 6. 4.

¹²² UC 11. 7. 9.

Na «explicação dos brasões» de «Jesus e de Teresa», aparece em primeiro lugar o versículo que ela «começou a cantar e que deve repetir eternamente»: «Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor» (Sl 88, 2). Por debaixo das suas «Armas», deixa-nos o memorial dos «privilégios de Jesus para com a sua alma»: «Dias de graças concedidos pelo Senhor à sua pequena esposa».

«Nascimento a 2 de Janeiro de 1873. Baptismo a 4 de Janeiro de 1873. Sorriso da Santíssima Virgem em Maio de 1883. Primeira Comunhão a 8 de Maio de 1884. Confirmação a 14 de Junho de 1884. Conversão a 25 de Dezembro de 1886. Audiência de Leão XIII a 20 de Novembro de 1887. Entrada para o Carmelo a 9 de Abril de 1888. Tomada de hábito a 10 de Janeiro de 1889. A nossa grande riqueza a 12 de Fevereiro de 1889. Exame Canónico-Bênção de Leão XIII em Setembro de 1890. Profissão a 8 de Setembro de 1890. Tomada de véu a 24 de Setembro de 1890. Oferecimento de mim mesma ao Amor a 9 de Junho de 1895».¹²³

Nos últimos meses de vida reconhece que o Espírito Santo é a fonte de toda a graça e de todas as graças da sua vida.

«Não, não sou uma santa; nunca pratiquei as acções dos santos. *Sou uma alma pequenina que Deus cumulou de graças*, eis o que sou. O que digo é a verdade, hão-de vê-lo no Céu».¹²⁴

Por último, deve-se certamente ao «Espírito que dá a vida» o trânsito de Teresa deste mundo: «Eu não morro, entro na vida».¹²⁵ «Se o espírito d’Aquele que ressuscitou a Jesus dos mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou a Jesus Cristo dos mortos, há-de dar igualmente a vida aos vossos corpos mortais por meio do seu Espírito que habita em vós» (Rm 8, 11). Teresa, qual nova Joana d’Arc «está a arder» no fogo do amor de Deus e pede a Jesus que venha em seu auxílio com a água da vida eterna.

*«A chama desta fogueira é abrasadora
Mas mais ardente é o amor do teu Deus
Em breve para ti, o orvalho eterno
Vai substituir o suplício do fogo».*¹²⁶

O Espírito fez de Teresa de Lisieux uma «Palavra de Deus para o nosso tempo», de tal modo que «não é escutar o Espírito Santo, negligenciar a mensagem de Teresa de Lisieux».

¹²³ A 85 v. Cf. outra lista de «Dias de graças concedidos pelo Senhor à sua humilde esposa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face», por ela elaborada «cerca de 20 de Julho de 1896» (O. C. , p. 1344).

¹²⁴ UC 9. 8. 4.

¹²⁵ Ct 244.

¹²⁶ RP 3, 23 r.

«Deus colocou Teresa para *revelar e fazer amar o Amor*, para organizar uma legião inumerável de pequenas almas que experimentaram o Amor e por ele combatem na terra... Teresa será, é já entre os grandes mestres espirituais da Igreja, entre os mais poderosos condutores de todos os tempos».¹²⁷

«Ninguém pode viver sem amor» e «só o amor é digno de fé». Quem melhor do que ela, abrasada com o fogo do Espírito de Amor, pode dar razões de viver à humanidade do terceiro milénio?

«Às portas do terceiro milénio, o homem mais que nunca, tem necessidade de encontrar razões para viver. Ora, *o amor é a razão mais fundamental de viver*. O mundo da não-crença só pode ser desmantelado pela força do Amor (...) Teresa descobriu em Deus a fonte do amor».¹²⁸

Com a sua «teologia do coração», não só faz parte da riqueza do património espiritual da vida da Igreja, como soube transmitir a beleza do seu «caminho de amor» a Jesus e à Igreja, especialmente à «juventude consagrada». Porque soube, com a sua «teologia do amor», «indicar um caminho todo novo» e «seguro» para encontrar e ser encontrado por Deus, é que vai ser proclamada «Doutora» da «Ciência do Amor Divino».

«A simples e grande Teresa do Menino Jesus e da Santa Face será proclamada Doutora da Igreja precisamente por este motivo: porque com a «teologia do coração» *soube indicar*, com termos acessíveis a todos, *um caminho seguro para buscar a Deus e para se deixar encontrar por Ele*».¹²⁹

¹²⁷ P.M. Eugène, *a. c.*, p. 361.

¹²⁸ P. Poupard, *Thérèse de Lisieux: La force de l'amour pour le monde de l'incroyance*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, pp. 298; 310; 311 - 312. Cf. Ct 254; Ct 96; Ct 65

¹²⁹ J. Paulo II, «Discurso aos Jovens Religiosos (as) do Congresso Internacional de Roma, 30 de Setembro de 1997.

MARIA, CAMINHO PARA O PAI

Oh Maria, aqui estamos!
recebe-nos e apresenta-nos ao teu divino
Filho.

Oh Jesus, aqui estamos!
recebe-nos das mãos da tua santa Mãe
e apresenta-nos ao teu Pai.

Oh Pai eterno, aqui estamos!
recebe-nos das mãos do teu Filho amado.
Abandonamo-nos ao teu amor.
Sim, meu Deus, aqui estamos sem reservas,
agora e para sempre,
conduzidos pelo teu Espírito Santo...

PARA UMA ESPIRITUALIDADE DO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

GUIDO STINISSEN*

O tempo de preparação para o grande Jubileu do ano 2000 é um tempo de conversão. Em que consiste esta conversão? «Meter» o Evangelho na nossa vida! O Evangelho é uma mensagem de amor misericordioso. Jesus veio «salvar-nos». Toda a nossa existência mergulha neste amor de Cristo, do mesmo modo que a nossa relação com Deus e as nossas relações com os outros. Cristo é o Amor incarnado de Deus. Deus, em Jesus, entra numa relação de amor connosco. Jesus mostrou-nos, na sua própria Pessoa como é que nós podemos viver no amor a nossa relação de uns com os outros: quer no matrimónio, quer na vida religiosa; no celibato ou em qualquer outro estado de vida. Este amor pode ir muito longe, “até ao fim” (Jo 13,1).

Nesta relação de amor podem existir obstáculos. Não da parte de Deus, mas do nosso lado! Acontece que vivo na infidelidade, que sigo o meu próprio caminho, que me fecho em mim mesmo. Desta maneira

¹ O P. Guido Stinissen, Carmelita Descalço, foi Provincial na província de Flandres e depois na Bélgica-Sul; director da Revista «Kerit», faleceu com 66 anos de idade, em Janeiro de 1998. Este artigo foi tomado do original «Pour une spiritualité du sacrement de réconciliation», em *Kerit*, 139, Avril-mai-juin 1998, pp.11-19.

perco a Deus e perco o próximo porque dou voltas sobre o meu próprio círculo. Mas, felizmente, este círculo pode ser quebrado. Posso sair dele. A relação pode ser restabelecida. Um voltar para Deus, para os outros, é possível. Que bela perspectiva de renovação! Jesus misericordioso espera-me para me acolher com um amor ainda maior.

Uma presença sacramental

Para assegurar a sua presença permanente na Igreja, Jesus instituiu os sacramentos. Sinais visíveis, palpáveis, que significam e comunicam a sua presença. São meios de mediação da parte de Cristo, meios (canais) de salvação. Jesus dá-se, oferece-se, toca-nos, salva-nos. Através deles, purifica, alimenta, unge e consola, une no amor, consagra discípulos para continuar a sua missão. E pelo sacramento da reconciliação, cura, reconcilia, salva.

Para muitos sacerdotes, religiosos, leigos, este sacramento perdeu impacto ou até já desapareceu completamente da sua vida. E é pena... porque se um sacramento se esfuma assim da vida cristã, se o reencontro com Cristo Salvador não se sente como uma necessidade, os outros sacramentos – a Eucaristia, a Santa Unção, o matrimónio, o sacerdócio – esvaziam-se do seu sentido e ficam inoperantes. Então, perde-se a noção de que Jesus, Deus e Homem pela sua Encarnação, se aproxima de nós através duma presença incarnada, através de sinais visíveis nos quais se torna presente. Uma presença real, uma presença sacramental. Jesus toca-me na Eucaristia alimentando-me com a sua Vida. Jesus toca-me no sacramento da reconciliação perdendo-me e renovando-me.

Se entramos, cada vez mais, pelo caminho duma crítica negativa contra a Igreja instituição, arriscamos a perder o contacto íntimo com o mistério da Igreja, com a vida mística da Igreja. A Igreja, Corpo de Cristo, continua a obra redentora de Jesus no espaço e no tempo, celebrando os diversos sacramentos que renovam em nós a vinda de Cristo.

Creio que é importante, se queremos salvar o sacramento da reconciliação, apresentar uma espiritualidade, quer dizer, uma maneira de ver e de viver este sacramento. Numa profunda atitude interior. Aqui, Teresa de Lisieux poderia ajudar-nos, embora ela não tenha partilhado a

sua maneira de viver a confissão. Porém, a sua maneira de tratar com Jesus pode ajudar-nos perfeitamente a viver melhor este sacramento.

Uma dinâmica trinitária

Uma espiritualidade deve estar fundada sobre uma realidade cristã. Vejamos alguns elementos. Cada sacramento é um acontecimento pascal. Através da sua paixão, morte, ressurreição e glorificação junto do Pai, Jesus, no sacramento da reconciliação, liberta-nos do pecado e, por isso, do passado. Abre-nos a um futuro marcado por uma comunhão sempre mais íntima com Ele, até chegar à união transformante. Mortos para o pecado, participamos da vida nova. Trata-se, assim, duma realidade eminentemente positiva.

O sacramento da reconciliação, como aliás todos os sacramentos, é um reencontro com o Pai, por meio de Jesus Cristo, realizado pelo Espírito, no seio da Igreja. A fórmula de absolvição exprime muito bem estes quatro elementos:

«Deus, *Pai* de misericórdia,
que, pela morte e ressurreição de seu *Filho*,
reconciliou o mundo consigo
e enviou o *Espírito Santo* para remissão dos pecados,
te conceda, pelo ministério da *Igreja*, o perdão e a paz.
E eu te absolvo...».

Este reencontro, em forma de diálogo, é um acontecimento trinitário, vivido no seio da Igreja.

1. Aproximo-me do *Pai*. Rezo. Encontro-me sob o olhar do Pai como uma criança, cheio de arrependimento e de confiança. Contemplo em Lc 15 o filho pródigo que se ajoelha diante de seu pai. Este coloca as suas duas mãos sobre os ombros de seu filho: uma mão paterna e uma mão materna. Magnífico quatro representado pelo pintor holandês Rembrandt.

2. Aproximo-me de *Jesus*. Não é Ele o Caminho? «Quem me vê, vê o Pai». Ele entra em acção neste sacramento. Está perto de mim como estava perto da mulher adúltera, perto do paralisado e de tantos outros pecadores. Acompanha-me até junto do Pai. E também a sua Mãe, a Virgem Maria, Mãe da reconciliação. Ela está lá para me

assistir. Pela sua morte na Cruz, Jesus apresenta o meu pecado ao seu Pai. Reveste-me da misericórdia do Pai. Prepara-me para um contacto ainda mais íntimo com Ele para a festa das Núpcias, a Eucaristia.

3. O *Espírito* é o grande actor em cada perdão. Ele atinge-me profundamente. Toca-me ao de leve com o seu Sopro. Que profusão de Espírito! Faz-me participar da própria Vida de Jesus. Desperta em mim um processo de renovação. A minha mentalidade pecadora dá lugar aos «mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus» (Fil 2,5). O meu pobre amor próprio é transformado em dom generoso. De novo e para sempre o Espírito grita em mim: «Abbá, Pai!» (Rom 8,15)! Como bom pedagogo divino, o Espírito introduz-me no mistério trinitário e revela-me os segredos de Deus.

4. Este reencontro com o Pai, por Jesus e no Espírito, realiza-se no seio da *Igreja*, o Povo de Deus. Pelo meu pecado, prejudiquei os outros. Interrompi a caminhada da Igreja. Revoltei-me contra os meus irmãos. Porque, no fundo, as minhas relações no Corpo místico de Cristo não têm nada de privado. O corpo tem necessidade do bem-estar de todos os seus membros. Se um membro peca, todo o corpo fica desordenado. “Cada graça é uma graça fraterna”, dizia S. Tomás de Aquino, mas cada pecado também é um pecado contra a fraternidade.

O perdão sobre o mundo

Moisés sobe à montanha de Deus para interceder pelo povo que ficou no sopé. No meu coração, também eu levo todos os pecados do povo diante da Face de Deus. Não somos todos mediadores uns dos outros? Por outro lado, também eu sou objecto da misericórdia de Deus a fim de a partilhar com todos os meus irmãos. A reconciliação tem uma dimensão universal. Theilhard de Chardin falava da «Missa sobre o Mundo». Neste sentido também nós podemos falar do «Perdão sobre o Mundo». Porque tudo passa através dum coração humano aberto a toda a humanidade. Teresa de Lisieux viveu em plenitude esta solidariedade com todos os pecadores. Ela sentou-se à sua mesa: «Senhor, a vossa filha... pede-Vos perdão para os seus irmãos e aceita comer por quanto tempo quiserdes o pão da dor, e de maneira nenhuma se quer levantar

desta mesa cheia de amargura, à qual comem os pobres pecadores, antes do dia que Vós destinastes... Acaso não poderá dizer-Vos em nome dela e em nome dos seus irmãos: Tende piedade de nós, Senhor, porque somos pobres pecadores!... Oh! Senhor, despedi-nos justificados!» (Ms C 6r°). Que bela comunhão viveu Teresa!

Cada confissão é uma bênção, sim, uma ressurreição para toda a família, para a comunidade religiosa toda, para a vizinhança, para os amigos... Trata-se duma dimensão social do sacramento da reconciliação, como de qualquer outro sacramento. Toda a Igreja está implicada.

Uma questão de delicadeza

O sacramento da reconciliação deve ser vivido no interior duma relação de amor. Isto é verdadeiro para cada sacramento, mas com mais razão quando se trata de pedir perdão. Peço perdão ao Amor porque pequei contra o Amor. Toda a história da salvação está marcada pela relação nupcial de Deus com o seu povo. S. Paulo aplica esta relação de amor de Cristo com a Igreja. Pelo baptismo, entro numa relação de amor com Cristo. Ele procura-me, bate à minha porta, mas como a esposa do *Cântico dos Cânticos*, tenho sempre qualquer pretexto para não Lhe abrir: «Eis a voz do meu amado, que bate: “Abre-me, minha irmã, minha amiga, pomba minha, imaculada minha, porque a minha cabeça está coberta de orvalho, e os anéis dos meus cabelos cheios de gotas da noite. Tirei a minha túnica; como irei vesti-la novamente? Lavei os meus pés; porque hei-de tornar a sujá-los?... Abri a porta ao meu amado, mas ele já se tinha ido, já tinha desaparecido”» (Cant 5,2-6).

Na confissão entra a questão da delicadeza do amor. Quando o amor é desta qualidade, não é preciso ter feito grandes pecados para se confessar, mas «pequenas coisas» já são suficientes para perturbar a relação de amor com Cristo, com o próximo. Isto não tem nada a ver com os escrúpulos. Pelo contrário, vive-se, com toda a força a misericórdia de Deus. O amor é tão delicado que imediatamente sente que Deus, que se dá e se apresenta sobretudo *no e através* do próximo, não foi acolhido. A gratuidade do amor foi ferida.

É aqui onde se situa o verdadeiro *arrepentimento*. Este não é um debruçar-se sobre si mesmo, uma agressividade, porque o meu

amor próprio ficou ferido. Não! Eu sinto que prejudiquei o amor. Atentei contra Deus no seu Ser mais íntimo. Ofendo a Deus quando não amo, com todo o meu coração, o meu próximo. A passagem da Samaritana (Jo 4) mostra-nos que é no contacto com Jesus que o arrependimento brota do coração. Mas desde o primeiro instante há o encontro. A mulher sabia bem que, na sua vida, nem tudo aconteceu segundo o verdadeiro amor. A pureza de Jesus despertou o arrependimento.

Teresa de Lisieux é um belo exemplo deste amor delicado. Ela sente como os «pequenos nada» podem entristecer Jesus. Porque, quanto mais delicado é o amor, mais ele vela para que nada, por mínimo que seja, venha perturbar esta relação de amor.

Aquele que ama verdadeiramente, sabe o que é que agrada ao outro. Conhecemos os desejos da pessoa amada. Teresa de Lisieux viveu-o de maneira surpreendente: «Agradar a Jesus» que significava também «agradar aos outros». É ingenuidade? Vamos tentar fazê-lo durante algumas semanas! Poderemos então confessar pequenas coisas, mesmo que o confessor não lhes faça caso. Trata-se da «minha» relação com Jesus, e não da sua. O confessor deverá respeitar a delicadeza do meu amor. O conteúdo da minha confissão será sempre aquilo em que eu não fui capaz de responder ao amor de Deus e ao amor do próximo. Mas eu posso ir variando a forma, e insistir sobre um ou outro ponto da minha vida quotidiana onde esta falta de amor foi mais manifesta.

Creio que o sacramento da reconciliação é muito importante numa vida de oração, porque esta exige uma vida totalmente aberta a Deus e aos outros. «Muito te foi dado». Recusei o excesso de amor ao qual o Espírito me convidava. O sacramento restabelece a delicadeza do amor. Deus abraça-me e aperta-me contra o seu peito. E assim me dou conta do que ainda é obstáculo para o amor. A minha confissão suscita o arrependimento. Doravante, o meu amor será doutra qualidade. Para quem o pode compreender, existe como que uma mística do sacramento da reconciliação, porque nele fazemos experiência de Deus e do próximo em Deus. Quão longe estamos dum cristianismo tantas vezes reduzido a uma moral negativa! Trata-se mais bem duma relação de amor cheia de segredos ainda por descobrir...

Perdido e encontrado

Confessar-se é *deixar-se encontrar* por Deus. O Livro de amor por excelência, o *Cântico dos Cânticos*, celebra os reencontros recíprocos entre o Esposo e a esposa, numa união cada vez mais profunda. Juntos, sobem do deserto, apoiados um no outro: «Quem é esta que sobe o deserto apoiada no seu amado? A sua mão esquerda está debaixo da minha cabeça, e a sua direita abraça-me» (Cant 8,5.3).

Três parábolas do evangelho de Lucas (cap. 15) familiarizam-nos com a misericórdia de Deus: a ovelha perdida e encontrada; a dracma perdida e encontrada, o filho perdido e encontrado. E de cada vez, que alegria! Tão grande que até é partilhada com os amigos e os vizinhos! Basta olhar o bom Pastor que procura a ovelha tresmalhada. Ele é como o ícone do sacramento da reconciliação. Que relação de amor entre o Pastor e a sua ovelha! Quando a encontra, nem sequer a repreende, mas coloca-a aos ombros, trá-la para o redil e rodeia-a dos melhores cuidados. O sacramento da reconciliação é o sacramento da alegria! Porquê fazer dele um fardo, uma obrigação?

Confessar-se é *deixar-se levar* por Cristo ao Pai e aos outros. Mas, muitas vezes, resistimos-lhe... João da Cruz comparava esta atitude à da criança que chora quando a mãe a quer levar nos seus braços. Quer ir pelo seu próprio pé! E assim, nem o filho nem a mãe podem avançar. O mesmo acontece na vida espiritual. «E assim, para que... saibam deixar-se levar por Deus, quando sua Majestade os quiser fazer passar adiante, daremos... doutrina e avisos para saberem compreender ou ao menos se deixarem levar por Deus» (1S Prol. 4).

Um pequeno caminho

Teresa de Lisieux mostra-nos o seu «pequeno caminho» com duas imagens muito sugestivas. Primeiro a imagem do *ascensor*: Teresa sente-se «demasiado pequena para subir a difícil escada da perfeição». Ela descobre «um caminhito muito direito, muito curto, um caminhito completamente novo... Eu queria encontrar um ascensor para me

elevar até Jesus... O ascensor que me há-de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer; pelo contrário, é preciso que eu permaneça pequena, e que me torne cada vez mais» (Ms C 2v^o-3r^o).

A outra imagem, mais desenvolvida, é ainda mais significativa. Trata-se dos grandes desejos de Teresa. «Não sou Águia. Dela tenho simplesmente *os olhos e o coração*, pois, apesar da minha extrema pequenez, ousou fixar o Sol Divino, o Sol do Amor, e o meu coração sente em si todas as aspirações da Águia». O pequeno passarinho não sabe voar. Contenta-se simplesmente com fixar o seu Divino Sol... Teresa obterá «o favor de voar em direcção ao Sol do Amor com as próprias asas da Águia Divina... Um dia, assim o espero, Águia adorada, virás buscar o teu passarinho e, subindo com ele para o Fogo do Amor, mergulhá-lo-ás eternamente no ardente Abismo desse Amor, ao qual se ofereceu como vítima...» (Ms B 5^o-v^o).

Se me deixo encontrar por Jesus no sacramento da reconciliação, Ele leva-me não somente para o seu Pai, mas ao mesmo tempo para os meus irmãos e irmãs. Eu encontro-os no Pai. E a partir daqui também eles me levam. Devo aprender a deixar-me transportar pelos meus irmãos. Caminho de humildade! Então recebo do Pai a missão de ir, também eu, à procura dos meus irmãos e irmãs tantas vezes atolados em relações perturbadas ou mesmo cortadas. Eu procuro-os «até os encontrar» (Lc 15,4) e trago-os comigo para o Pai, Ele, a única verdadeira Relação. Assim construo a Igreja tornando-me, eu próprio, discípulo e apóstolo do Senhor. Cada confissão é uma missão.

A espiritualidade de Teresa de Lisieux pode ajudar-nos a encontrar óptimos meios de conversão: a fé no amor misericordioso; a consciência da própria fraqueza; o abandono da criança nos braços de seu pai; nenhum medo, mas só confiança; a ternura de Deus que me eleva até Si e me perdoa; o Amor que não deixa em mim qualquer traço de pecado. Por esta atitude a confissão torna-se em festa!

O sacramento da reconciliação é como um forte laço entre a misericórdia e a acção de graças. Recebemos o amor misericordioso e cantamos com Maria: «Ele olhou para a humildade da sua serva e fez em mim grandes coisas» (Lc 1,18.49).

EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E AUTENTICIDADE

FR. BERNARDO, O.P.

1. É uma constatação que têm surgido «variedades religiosas» para todos os gostos. As estruturas doutrinais e organizativas tendem a ser fluídas e vagas, insistindo nos *valores da sinceridade e da subjectividade*, de modo a penetrar nas situações de angústia, de dúvida e de insegurança, explorando sistematicamente os aspectos emocionais, recorrendo à sugestão colectiva, às várias formas manipulatórias, desenvolvendo o acolhimento, a vivência festiva, a participação monetária e a responsabilidade do proselitismo intensivo.

2. Respeitando a liberdade pessoal e respectivas opções, temos a obrigação moral de esclarecer as pessoas e proporcionar-lhes *critérios de discernimento objectivo* para poderem ver, entender, ponderar e discernir o valor intrínseco das atitudes religiosas, os respectivos conteúdos dogmáticos e consequências para a sua ética da vida pessoal, familiar e social.

3. Verificamos que há dois aspectos que são bastante comuns:

- *Uma reacção englobante* contra a atitude «iluminista» e da «ilustração» da época moderna que pretendem eliminar a religiosidade da vida pessoal e social;

- Por outro lado também se constata uma *recusa dos modelos tradicionais* das Igrejas instituídas com uma pesada carga institucional e legal.

4. Como é do conhecimento comum, a modernidade investiu em demonstrar intensivamente que os *comportamentos* e a *cultura religiosa* impediam a humanidade de se afirmar como autónoma e dificultavam o desenvolvimento científico e técnico. Neste domínio o *positivismo* de A. Comte insistiu na demonstração da lei dos três estados e que só seria verdadeiro o que fosse sujeito a experimentação, restando a sociologia como a ciência englobante.

O *cientismo* defendeu que só as ciências naturais forneceriam um autêntico conhecimento, sendo as religiões um processo primitivo de fuga ao real e de atraso científico e cultural. Os vários *modelos de materialismo* apoiando-se especialmente na perspectiva do materialismo dialético, as expressões religiosas não passariam dum ilusório «ópio do povo» sofredor, ignorante e escravizado pelo capitalismo selvagem. Seria um comum dever ético «matar Deus» para que a humanidade se realizasse livre de preconceitos.

Este «*humanismo ateu*» e a *secularização* pretenderam emancipar a Humanidade das religiões escravizadoras.

5. De passagem diga-se que *a Bíblia admite, como uma necessidade, a secularização*. De facto só Deus é Criador, transcendente e sagrado; as criaturas são objectivamente profanas. Na verdade, historicamente, houve uma convergência e até submissão da ciência à fé religiosa.

A reacção moderna insiste que a razão é a única fonte da ciência positiva, desacreditando a perspectiva religiosa. Por seu lado, a Igreja e o Estado, sobretudo no Ocidente, estiveram ligados, sendo a Igreja estimuladora e inspiradora das leis e da vida social. A autonomização do Estado não se fez sem graves conflitos com as Igrejas.

Por seu lado a secularização sistemática pretendeu eliminar o conceito de transcendência e de vida para além da morte pessoal.

Recuperando a perspectiva bíblica devemos assumir que o religioso e o profano desenvolvem-se em planos diferentes, sem terem de entrar em conflito ou desconhecimento recíproco.

6. As ideologias anti-religiosas não buscaram apenas a secularização, o que até seria benéfico e sadio, mas foram ao ponto de eliminar a perspectiva de transcendência das várias expressões da cultura.

O ateísmo militante transferiu a atitude religiosa para as ciências. Eliminando a transcendência da vida e contrariando a necessidade de sentido para viver, desenvolveu-se a idolatria da ciência, do hedonismo, do consumismo e da ideologia, o que apareceu como uma dogmática e moral imanentes.

7. *Os movimentos religiosos parecem surgir como um protesto* contra o mundo artificialmente sem alma e sem sentido; o desejo de sentido e de transcendência brota espontaneamente. Mas esta busca de experiências religiosas surge fora das antigas Instituições judeo-cristãs e aparece sob formas colectivas emotivas intensas. Nesta perspectiva as experiências religiosas são fenómenos pessoais e colectivos sem outra referência que não sejam os sentimentos e, eventualmente, a consciência interrogante acerca da responsabilidade pessoal e social.

8. *As diversas formas de religiosidade e as seitas pretendem modificar o deserto espiritual e o sofrimento de orfandade* que envolvem a cultura do nosso tempo. Mas carecem de estruturas sadias, de doutrina bem identificada sobre o sentido total da vida no tempo e para além dele. Por outro lado não dispõem de códigos éticos antropológica e religiosamente fundamentados. Desta situação surgem desencontros entre Igrejas, seitas e novas propostas de experiência religiosa integradora.

9. *A busca de sentido para a vida é um aspecto positivo.* Todavia a recusa de diálogo entre Instituições e confissões desenvolve uma atitude de desconfiança e de anarquia, prevalecendo o *primado da experiência subjectiva* sem referências a critérios objectivos fundamentados e metafísicos.

Pareceria poder buscar-se convergência na atenção à «*Energia Cósmica*», causa e meta de tudo. Mas há que chegar à perspectiva que essa energia é um ser pessoal, não se confundindo com uma unidade ecológica panteísta. Mais ainda: há heterogeneidade entre Criador e criatura, entre Absoluto e relativo.

10. Por outro lado os *microcosmos então integrados no macrocosmos* como as partes no todo, ainda que com efectiva diferença de graus de ser. O natural cósmico em evolução tem diversas e

inumeráveis manifestações, mas não coincidem com o Criador, causa eficiente e final. Tudo o que acontece no cosmos são processos energéticos em que há morte e nascimento, desagregação e congregação. Todavia, a «qualidade» humana é de uma ordem que não é pura imanência evolutiva ocasional que não estivesse inscrita na intencionalidade criativa, na «rationes seminales». Efectivamente a consciência crítica, projectiva e avaliativa, capaz de bem e de mal, ultrapassa a simples continuidade da energia em expansão ou em entropia.

11. A astrologia, a dinâmica concertada dos outros e a história da vida na terra, revelam mútuas interferências e dependências. Mas só a consciência pessoal, a *subjectividade é que os pode conhecer e avaliar cientificamente*, é duma ordem especificamente diferente. É neste contexto de espanto e de busca de controlo impossível que surgem as religiões e os tratados de sabedoria para tentar superar o fluir do tempo e a morte.

12. Sob a denominação de «Nova Era» tende a impôr-se uma religião sem Deus: aceitando que a energia cósmica tem uma dinâmica progressiva e de que Cristo seria uma fase da consciência da humanidade, entraríamos na *Era do Aquário* a partir da entrada no próximo século. Seria uma situação favorável para a transformação da Humanidade em que todas as religiões seriam superadas em virtude da unidade e integração cósmica.

Partindo da crença ingénua de que tudo seria manifestações da divina energia cósmica, as pessoas seriam uma manifestação dessa energia, Deus estaria em nós; na imanência seríamos deus! *O único mal que existe seria a falta de auto-consciência* sempre a caminho da consciência plena que seria divina e imortal, prisioneira dos sucessivos corpos em que reencarnaria como vítima do «Karma» e da ignorância. Finalmente haverá a plena iluminação dissolvendo-se na plenitude do ser. Para lá chegar recorrem a «gurus», a técnicas e terapias, a caminho da diluição na totalidade cósmica.

13. Estes tipos de religiosidade privilegiam o *recurso a técnicas psicológicas* de experiências com «conteúdos religiosos»; essas metodologias, diversas nas modalidades, convergem em tornar as pessoas dependentes duma *irrealista auto-experimentação*, provocada ou sofrida pela mediação de indutores individualizados ou colectivos.

E não é fácil as pessoas, emocionalmente envolvidas, perceberem criticamente a diferença entre «experiências religiosas» e vivência objectiva da fé em Deus transcendente e único, revelado em Jesus Cristo e agora traduzido em vida segundo a fé cristã e eclesial.

14. De facto haveria que manter a adequada distância crítica para conseguir discernir entre *experiências emocionais com conteúdos religiosos* induzidos, sugeridos ou imaginários que alimentam a sugestão egocêntrica, narcisista de auto-ilusão e envolvimento, diferente da *adesão pela fé, dom e tarefa*, às perspectivas de Jesus Cristo.

Na realidade, a primeira versão é subjectivamente experimentada como autêntica, enquanto que a vida, segundo a adesão teologal esclarecida, deve fornecer critérios de vida coerente, assumidos e concretizados, mas sem necessário envolvimento emocional.

Não coincidem experiências religiosas e objectivas experiências de Deus; eventualmente poderá haver até antagonismo. É na vida concreta, eclesialmente testada, que se poderá discernir como se manifesta progressivamente a vontade de Deus e os carismas pessoais.

15. A auto-ilusão, especialmente nestes domínios, é frequente ou pode acontecer. Há pessoas que fazem o que lhes apetece ou convém, em nome duma desejada e imaginada sugestão divina. S. Paulo chama a atenção para esses riscos (cf. 2Cor 11,14-15). E parece que a «Nova Era» e movimentos afins *desencadeiam e alimentam sistematicamente, como sendo uma experiência transcendente, transpessoal e cósmica, mas que acontece a quem se submete* a determinadas técnicas de abstenção, concentração, envolvimento e auto-controlo, mediante a intervenção de «gurus» especializados em desencadear os processos de sugestão.

Por mais intensas que sejam as experiências e a argumentação explicativa pareça lógica, objectivamente trata-se de algo provocado que é iniciado e controlado, recorrendo a técnicas de influência humana em que o sujeito e o objecto das experiências é previsto, programado e executado segundo processos e crenças sincréticas, praticadas nomeadamente na Ásia ao longo de milénios.

16. Pretende-se que a programada introdução e prática de certas experiências transformem o ser humano, desenvolvendo a sua pretensa infinitude para se apropriar e integrar na sonhada energia cósmica

divinizante. O «progresso» representaria perda de identidade e de responsabilidade pessoal. Todavia, na nossa perspectiva, a autêntica experiência mística deve incluir e significar interiorização, assimilação, mas mantendo e afinando a autonomia, a alteridade e a diferença entre o humano e o divino, a imanência e a transcendência, a situação de limitado, pecador e necessitado de misericórdia, *sem recorrer a processos de auto-sugestão ou manipulação.*

17. Estas propostas de *religiosidade têm uma certa marca panteísta*, fazendo finca-pé que toda a realidade cósmica ou energia está unificada e identifica-se com a divindade. E propõem que a experiência religiosa deverá conduzir a essa unidade, para os indivíduos se identificarem com o todo e se integrarem, conseqüentemente, na divindade, na realidade cósmica, deixando de haver sujeito e objecto, o uno e o múltiplo. Na perspectiva metafísica e mística tomista, a desejável união mística nunca leva à fusão ou confusão entre o Absoluto e a criatura.

As «experiências religiosas», ditas sincréticas, são experiências do «eu» que se auto-relaciona emocionalmente com o cosmos. Mas são projecções do «eu», nada têm a ver com a experiência mística em que continuam diferentes Deus, a Pessoa e o cosmos.

18. A psicologia identificou as etapas de afirmação progressiva do «eu» no relacionamento, primeiro narcisista, depois com a mãe e com o pai, considerados provisoriamente onnipotentes. Mesmo as experiências ego-cósmica, ego-cêntrica e certa confusão com o universo materno e ambiental, são etapas a ultrapassar para a identidade e a autonomia relativa. É normal que a imagem de Deus esteja marcada pelo relacionamento protector filho-mãe e depois filho-pai, em que o «eu» pessoal vai fazendo rupturas e auto-afirmação, até à situação de adulto em que se estabelecem relações de alteridade, autonomia, direitos e deveres e portanto de justiça na base da responsabilidade recíproca.

Esta evolução, mais ou menos conseguida, pode marcar o tipo de *relação com o Transcendente, mas sem se confundir com a fusão e dissolução entre a pessoa e Deus.* A despersonalização é impensável; o que diríamos é que há o encontro entre dois sujeitos: a pessoa relativa e Deus o Absoluto.

19. Os cristãos, seguidores da revolução feita pela *incarnação de Deus em Jesus Cristo, aceitam-n'O como mediador e salvador*

pessoal e universal. Ele convida a todos a partilharem a vida com Deus (cf. Jo 10,10 e Lc 11,23). A relação com Ele na e pela fé, deve tornar-se uma *relação dialogal, confiante, fiel e coerente* entre crer e viver a vida concreta.

A relação com Ele, na fé e pelo esforço de busca, recorre a métodos de ascese, de oração, sem depender dos métodos a experiência de intimidade procurada. E a autêntica fé traduz-se na qualidade de vida competente, honesta e solidária na vida familiar, profissional e eclesial.

A razão e o bom senso nunca devem ficar à margem da fé que não sendo racional é razoável.

A oração do *Pai Nosso* deu origem a muitas paráfrases ou adaptações. Este texto que apresentamos pode parecer estranho e provocador, mas talvez nos ajude a não cair numa recitação rotineira e a aprofundar o seu significado:

Oh Pai nosso!
se estás nos céus,
– e se o teu nome é Santo –,
porquê não se faz a tua vontade
assim na terra como no Céu?
Porquê não dás a todos
o seu pão de cada dia?
Porquê não perdoas as nossas ofensas
para que nós esqueçamos as nossas queixas?
Porquê ainda continuamos a cair
em tentações de ódio?
Se estás nos céus, oh Pai nosso!,
porquê não nos livras deste mal
para que então possamos dizer “Amen”?

NOVAS PATERNIDADES

JORGE BISCAIA

Ao ter de falar sobre *Novas Paternidades* não posso deixar de começar por evocar uma data extremamente importante para esta reflexão. Foi há pouco mais de 20 anos, quando nasceu Louise Brown, o primeiro bebé a ser fecundado «in vitro». Após quinze anos de investigação tornou-se possível fazer com que um embrião, obtido com a conjugação dum óvulo e de um espermatozoide fora do ventre materno, fosse depois transferido para dentro da cavidade uterina para dele nascer um filho a um casal até ali estéril.

O embrião tornara-se acessível aos médicos e aos cientistas.

O que até ali não era mais do que um sopro de vida nascido numa relação amorosa, e dissimulado nove meses na profundidade do corpo materno passava a ser desde então visível e aparentemente controlável. Controlável até pelo progresso da ecografia que o permitia visualizar e vigiar no seu crescimento e até no aparecimento de possíveis doenças ou anomalias, ao longo de toda a gestação.

A ciência e a medicina tinham dado um grande passo na solução dum problema que atingia muitos casais que sofriam a impossibilidade de ter filhos seus. Através da técnica era-lhes agora possível ter esperança de que a sua vida e o seu amor se concretizassem num descendente que lhes estava geneticamente ligado. Contudo esta possibilidade de manipulação de duas células para delas nascer uma

nova vida humana colocava alguns problemas para além da intromissão na intimidade pessoal e relacional do casal que se pretendia unido numa pessoa conjugal. A colheita de espermatozoides, a estimulação ovárica, a colheita do óvulo, a introdução do embrião na cavidade uterina, eram próteses muito chocantes que culminavam toda a anterior contrafacção de exames e de investigações sobre uma vida a dois, que sempre tinham sonhado como livre, íntima e espontânea.

Para além disso a progressiva constatação de que havia uma infertilidade de causa masculina cada vez maior conduziu ao recurso a bancos de esperma anónimos a que só os progressos posteriores da injeção intracitoplasmática do espermátide do marido foram reduzindo a necessidade. Esta possibilidade de conservar esperma congelado levou também a que se colhesse previamente esperma do marido com uma doença mortal, admitindo-se assim a fecundação e o nascimento do filho após a morte do pai. Mais tarde foi possível congelar igualmente ovócitos, para utilizar em mães que os não possuíam, repetindo deste modo o mesmo tipo de manipulações atrás sugeridas.

Fazia-se assim uma enorme dissociação entre o pai e mãe genéticos e os pais em cuja intimidade tinha nascido a ideia dum filho. Essa dissociação era ainda muito mais grosseira quando se utilizava, para conseguir uma gestação, um outro útero que não o da mãe genética, como aconteceu com as chamadas mães hospedeiras, benévolas ou pagas, ou se prescindia mesmo dum pai pessoal para gerar um filho numa mulher que tinha decidido substituir a presença humana por um pouco de esperma anónimo.

Por outro lado, a necessidade de congelar embriões para os utilizar mais tarde, condicionou a existência dum número superior de embriões em relação aos que iriam ser implantados. Criaram-se assim verdadeiros embriões do frio que podiam permanecer eternamente órfãos de pais na incomensurável solidão das arcas de ultracongelação em azoto líquido. A racionalidade utilitária do mundo de hoje, e o impulso de investigação dos cientistas, abriu caminho à ideia de utilizar muitos destes embriões abandonados para experiências, de carácter puramente especulativo, sem qualquer vantagem para eles próprios, condenados que estavam à destruição posterior.

No intuito de explorar uma maior eficácia fizeram-se ainda tentativas de clonagem embrionária preanunciando as clonagens a partir de

células mamárias diferenciadas conduzidas à indiferenciação, como aconteceu depois com a conhecida ovelha Dolly. Afastava-se ainda mais a ideia do pai próximo, ou procurava-se mesmo negar a sua necessidade. Na verdade, toda esta evolução parecia aceitar uma verdadeira morte do pai.

A mesma procura da eficácia a todo o custo levou ainda a que se iniciasse o chamado diagnóstico preimplantatório que promove a fecundação «in vitro» de casais com anomalias genéticas, para seleccionar os embriões sãos, numa clara conotação eugénica. Simultaneamente, e de modo não menos grave, começou a ser técnica corrente para atingir melhor índice de êxitos, a implantação no útero materno de vários embriões admitindo-se a morte e eliminação posterior dos que se não desejam, matando-os pela chamada redução embrionária.

E deste modo se avançou para um enorme conjunto de manipulações que com uma ou outra justificação iam atingir de modo irremediável o embrião obtido através desta nova capacidade tecnológica. Também aqui, uma técnica que tinha por fim criar uma nova vida tinha deixado que nela se introduzisse uma cultura de morte.

Na realidade, partindo dum princípio em si mesmo correcto, que era o de tratar a esterilidade, dentro dum espírito de amor mútuo do casal que via no filho alguma coisa que ultrapassava a relação genital, todas estas manipulações na origem duma nova vida humana, tornaram obrigatória uma profunda reflexão ética sobre a paternidade. Vamos tentar fazê-la abordando cinco pontos que nos parecem fundamentais: 1. O que será a verdadeira fecundidade do casal? 2. O que será o filho para esse mesmo casal? 3. Que estatuto deverá ser dado ao embrião e ao feto? 4. O que é a verdadeira paternidade? 5. Haverá mesmo novas paternidades?

1. A fecundidade

O casal que se encontra numa relação de amor, por muito imperfeito que seja esse amor, tem sempre em si um desejo de eternidade, muitas vezes sem mesmo medir a sua densidade e mesmo sem haver grande convicção nesse compromisso, promete-se um amor para sempre.

Essa afirmação tantas vezes negada pelo tempo, representa um desejo inscrito na profundidade de todas as solidões que levam ao encontro de duas pessoas sexualmente diferenciadas. Isto porque, a grande verdade é que amar o outro, é ter esperança nele, é acreditar que cada um tem sempre mais futuro do que passado. E é esse acreditar que acaba por ser o grande e verdadeiro sentido da vida gerada pelo casal.

Contudo, o modo mais habitual da expressão dessa vida é realmente a geração dos filhos. Mesmo quando estes pressupostos de esperança e de relação para lá do tempo e do seu próprio egoísmo não são pensados e muito menos vividos, os filhos são um apelo permanente para que essa esperança se realize. Porém, seria empobrecer a ideia do amor como esperança no outro, fazer com que ele se reduzisse à fecundidade concreta da geração dos filhos.

A vida que o casal procura na eternidade, desde que os dois, homem e mulher, se encontram e distinguem o outro numa multidão de outros, é concretizada por um sair de si e de todo o seu egoísmo defensivo. Essa vida é a resposta ao profundo apelo de encontro que os leva a fugir da solidão em que cada um se refugiou como defesa perante um mundo agressivo e competitivo. Mundo em que se perdeu o sentido de comunidade para se viver isolado de quase todos aqueles que nos acotovelam nas ruas. É esse sentido de vida que os fará caminhar para uma verdadeira pessoa conjugal feita de relações interpessoais, em que a união sexualizada e gratificante é o fim dessa aceitação e fusão na diferença, realizada pelo encontro de duas pessoas.

A vida é por isso, primeiro que tudo, a grande resultante dum encontro contrário a todos os egoísmos. O grande direito pelo qual o casal deve lutar.

2. O filho

O filho, embora prometido no pensamento do encontro, deve ser visto muito mais como um dom do que como um direito. Dom que concretiza a esperança, já que vai impedir que o casal se feche num egoísmo a dois. Porque o filho irá desestabilizar novamente muitos

equilíbrios adquiridos, mantendo viva a tensão de abertura aos outros. E o filho realiza isso quando os torna para sempre dependentes, livremente dependentes, de alguém que com um choro, uma doença, uma deficiência e mais tarde uma contestação ou um afastamento, os obriga a rever posições e a viver da esperança. Por isso mesmo a sua programação excessiva ameaça a autonomia da criança que desde todos os começos deve escapar aos sonhos dos progenitores. O filho é sempre um aceitar o risco dum futuro prometido a uma liberdade.

Os limites éticos na procura duma felicidade genética através da procriação medicamente assistida estão inseridos neste conceito de amor esperança e de filho como um dom com futuro próprio.

Na verdade, embora a infertilidade possa ser vivida como uma doença, a criança tem que ser sempre vista como a essência de toda intervenção médica neste campo. Uma criança que mesmo sendo geneticamente dependente dos pais tem nela os germens da autonomia. Por isso mesmo o que ela tem direito a esperar é ser acolhida por essa pessoa conjugal que pensa mais nela como um ser para outros do que na realização do seu desejo dum filho unicamente para si.

Isto implica que os pais, sejam capazes de assumir a dois a pobreza da infertilidade, em que não poderão ser separados mesmo quando essa fragilidade é só de um. Deste modo o casal terá de aceitar a infertilidade de um deles, irremovível por meios médicos conhecidos como infertilidade dos dois. Só esse sentido de pobreza conjunta permitirá transformar o filho do ser ideal e controlável no ser real com destino próprio.

Na verdade, a reprodução medicamente assistida ao alterar o sentido de pai genético, substituindo o pai infértil pelo esperma de um dador anónimo, transforma a paternidade real numa espécie de fluído de origem misteriosa – o esperma anónimo e congelado – que permite assim, por intermédio da técnica, curar a esterilidade. Porém essa esterilidade masculina, resolvida desta maneira, marginaliza o homem já que ele passa a ser o único pobre porque é o único que não pode contribuir para uma fecundidade orgânica dum casamento que só se considera rico pelo filho pretendido.

Do mesmo modo a utilização mais recente de ovócitos congelados levanta para a mulher o mesmo tipo de problemas quanto à separação psicológica da pessoa conjugal.

Assim, o aparecimento do filho que aparentemente devia ter provocado pelo nascimento a segurança e a estabilidade da família pode trazer consigo germens de destruição da própria essência do casal.

É esta unidade conjugal que conduz à impossibilidade ética de utilizar esperma ou ovócitos heterólogos mesmo que o acabar do anonimato permita ao filho o conhecimento posterior dos verdadeiros pais genéticos.

A grande diferença em relação à adoção de um embrião ou de qualquer criança após o nascimento, é que esta representa um nascer do filho no coração dum casal que se aceitou pobre por igual, quanto à sua capacidade genética. Os dois, ao assumirem-se como iguais na incapacidade geradora podem mais facilmente continuar unidos como pessoa conjugal na decisão de adoptar, permitindo a sua caminhada de filiação ao longo dos anos.

3. O embrião

A existência de um embrião nas nossas mãos colocou ainda outros problemas quanto à sua realidade como começo da vida humana.

A união singâmica dum óvulo e de um espermatozoide conduz à formação dum código genético, dum genoma, que recentemente foi considerado pela Declaração da Unesco como património da humanidade. Na verdade, essa vida humana inicia então um caminho de pessoalização e fica desde logo sujeita ao desenvolvimento, à doença e à morte. Essa pessoalização pode inicialmente não ser mais do que a ideia do filho vivida no pensamento dos pais. Pode mesmo ficar como que suspensa no tempo pela paragem de multiplicação a que a congelação conduz. Contudo continua sempre a existir nesse código que, enquanto não for destruído ou lesado por agressões irremediáveis, contém a primitiva base orgânica em que se irá fundamentar a pessoa.

Porém, uma vez colocado na cavidade intrauterina o embrião envia imediatamente sinais à mãe para que ela, modificando a sua imunidade, aceite como seu esse corpo geneticamente diferente que é o filho. Começa aqui a unidade relacional estabelecida de modo mais

concreto após a nidação. Nesse momento é novamente o embrião que faz com que a mãe produza a gonadotrofina coriônica, hormona necessária para que a placentação se continue a realizar.

Tudo se passa como se desde sempre estivesse inscrito na genética embrionária uma apelo à relação inicialmente imunológica logo depois, através da placenta, relação hormonal, enzimática e sensorial. A falta de resposta e de aceitação pelo outro, de quem ele geneticamente desde sempre transporta uma parte em si, leva-o inevitavelmente à morte pelo abortamento espontâneo. A mesma morte que desde a fecundação nos irá ameaçar para sempre como embrião, feto, recém-nascido, criança, adolescente ou adulto, quando essa não-relação nos atinge, frustrando pelo abandono do outro, aquilo para que fomos realmente gerados – a relação interpessoal. É nesta capacidade relacional pessoalizante que se podem alicerçar as normas éticas de respeito pela dignidade do embrião.

Porém o progresso tecnológico que na sua ambiguidade parecia, nalguns casos que já referimos, tornar o pai inútil, pode, pelo contrário, durante o longo tempo intrauterino, permitir a esse mesmo pai a visão do crescer do filho através do ecran ecográfico, dando um maior sentido à paternidade. O mundo relacional, feito dum sentir o filho dentro de si que antigamente era vivido pela mãe, pode ser agora acompanhado pelo pai ao visualizar na ecografia a gestação daquele que até ali só podia imaginar. Desde o início da gravidez, ele tem possibilidade de ver seu o filho real no pulsar do coração e nos gestos calmos ou tumultuosos dos membros a reagirem tanto aos seus contactos através da parede uterina como à música ou mesmo à calma ou à angústia da mãe. O pai pode começar a viver desde sempre as competências do feto, hoje cada vez mais reconhecidas. Também ele aprende a riqueza sensorial do filho ainda feto que ouve e memoriza a voz e os sons, que reage à luz forte sobre a parede abdominal da mãe, que tem gosto e que sente a carícia da sua mão no toque haptonómico e afectuoso do ventre materno. Colabora assim nestes elementos numa pessoalização essencial ao desenvolvimento harmónico. Enternece-se com tudo isto temperando desta realidade as fantasias de futuro que até aqui eram as únicas que lhe era permitido ter.

Assistindo aos ensinamentos dados à mãe na fase antenatal, dá espaço na sua cabeça ao filho ainda não nascido. Uma ou outra vez

chamado a consentir em intervenções sobre o filho, mesmo na vida intrauterina, vai-se preparando para mais tarde o levar a vacinas e a consultas de vigilância que lhe irão promover a saúde. Tudo isto faz com que hoje seja cada vez mais habitual que ele assista ao nascimento. Ao participar deste acto fulcral da vida humana e ao pegar no filho nesses primeiros momentos, deixa de sentir tanto o terror de que o bebé se parta quando tiver de o aconchegar no colo, de lhe mudar as fraldas, ou de lhe dar o biberom.

A evolução da sociedade com o trabalho da mulher fora de casa e a falta da família alargada em que outras mulheres da casa sempre ajudavam a tratar do pequeno recém-nascido, obriga-o a ser desde muito mais cedo pai em plenitude. Na realidade, na maioria dos casos terá de participar em plano de quase igualdade nos cuidados dos primeiros meses que até agora eram privilégio e trabalho permanente das mães. O reconhecimento da importância destes primeiros tempos na vinculação e na aprendizagem da relação, fez com que ela sentisse o valor do seu papel paternal ainda quando o bebé, muito longe da idade da razão, parecia até há poucos anos dispensar a figura masculina. A sua presença contrastante na voz e nos gestos é reconhecida pelo filho muito precocemente. A evidência dum resposta sempre extremamente gratificante, confirma o casal que vive esta partilha, como verdadeira pessoa conjugal. Esta unidade equilibra os cansaços e as depressões até agora sofridas unicamente pela mãe tantas vezes isolada numa solidão que só o filho conseguia compensar.

A descoberta do pai com capacidade de intervenção «maternal» desde a vida prenatal que temos vindo a descrever, aparece como o sinal contrário à dispensabilidade e morte do pai genético que a mesma técnica parecia ter obtido.

As fantasias do pai sobre os seus filhos não ficam agora restringidas a um pensá-los num futuro que lhe continuasse o nome, a família, a fortuna, ou mesmo os projectos não conseguidos. Sem a intensidade desta pesada sombra é permitido ao filho encontrar-se mais facilmente livre e capaz de autonomia própria.

A mãe vivendo de modo mais partilhado o período de encontro com o bebé real, sentindo menos o estar só no desenvolver dos primeiros passos e sinais de independência, poderá de modo mais disponível

assistir ao progressivo afastar daquele bebê que preencheu todo o seu íntimo durante os longos meses de gravidez, de amamentação e de colo.

Esta educação para a autonomia só é possível pela segurança dada na vinculação inicial. Mas é ela que irá ser o fundamento de toda a posterior integração no mundo dos outros, que assim se poderá processar de modo menos conflitual. Na verdade, aceitando e estimulando a divisão das tarefas com o marido, a mãe não sentirá tanto desejo de ficar com o filho como compensação não expressa dos trabalhos e alegrias vividos em íntima exclusividade. Desde cedo aceitará a distância dos primeiros passos e das explorações do mundo em redor, essenciais a toda a autonomia. Não protelará para lá do ano a saída do berço para fora do quarto do casal. Fará que «o falar bebé» se não mantenha além do razoável. Evitará as chantagens com a comida e com o controle dos esfíncteres que ao fazê-la dependente dele, são também modos que o filho tem para não crescer. O pai, chamado a participar em igualdade nos pequenos castigos que estabelecem os limites do crescimento, deixará de ser a longínqua e temerosa presença repressiva quando a sua ausência o fazia aquele que de longe tudo controlava e podia ser usado como o Deus Castigador.

O evoluir da sociedade tornou assim cada vez mais necessária esta presença do pai junto do filho desde todo o começo da sua vida com as vantagens que procurámos realçar. Porém, esse mesmo evoluir também lhe criou dificuldades que não queríamos escamotear.

Primeiro com a ausência do tempo. Os pais estão cada vez mais fora de casa, com penosas deslocações para os locais de trabalho, com insegurança no emprego, vivendo em casas de pouco espaço a que chegam a horas em que o filho dorme ou se deseja que durma. Depois porque a própria estrutura familiar, sem a ajuda das famílias alargadas, tornou obrigatório, e muito precocemente, o recurso ao Infantário. Por isso, com sol ou com chuva, os filhos arrastam pelos infantários pequenas febrículas de infecções e contágios para os quais ainda não estão imunologicamente defendidos. Não fôra a premência do trabalho dos pais certamente que eles ficariam bem melhor na protecção da própria casa.

A própria estabilidade familiar é hoje mais precária com casais que se separam facilmente e depois lutam pela posse e pelas atenções do filho, criando uma competição extremamente perturbadora para o bebé.

Porém, todas estas dificuldades reais, sem prejuízo de leis que defendam melhor a unidade da família, não fazem mais do que confirmar esta necessidade de uma paternidade que apoie a maternidade desde o início da vida humana. Também não podemos deixar de nos interrogar se esta visão da paternidade, alicerçada nas possibilidades técnicas e nos conhecimentos da psicologia relacional, não terá alguma coisa de transitório e mutável ou se, pelo contrário, não é antes um caminho para a verdadeira paternidade, reflexo e símbolo da paternidade única de Deus.

4-5. A Paternidade e o sentido de eventuais novas Paternidades

- Todos nós vivemos a infância dos anos como se o tempo fôsse eterno.

Quando a morte batia a alguma porta que nos estava próxima era sempre uma presença estranha, como um visitante desconhecido que mal se afasta mergulha no nosso esquecimento.

Não me recordo da morte da mãe, tinha eu pouco mais de um ano. Talvez ela me tivesse sido escondida na piedosa mas errada intenção de me poupar a qualquer sofrimento. E assim, mais tarde, ao tentar recordá-la, tive que reavivar as pequenas mas profundas imagens que me ficaram dela, como momentos de encontro que a tornaram para sempre viva. Sinto ainda a sua mão rica de afectos que me ajudava a subir os degraus do jardim musgoso, cheio de camélias vermelhas pelo chão de terra. Vejo os olhos com me envolvia afastando todos os riscos.

Os anos foram passando e só já quando tinha sido visitado pelo morrer dos outros, que a profissão médica sempre traz consigo, vivi a morte do pai. Morte súbita daquele a quem me tinha sentido sempre profundamente ligado e a quem ainda tinha abraçado no dia anterior, no seu local de trabalho, quando lhe levei os netos a dar-lhe o beijo do dia do pai.

Começou então um longo caminho de diálogo e de reflexão sobre a paternidade. Era como se o pai, agora que não existia na continuidade, tivesse mais poder. A fragilidade criada pela sua morte varria definitivamente a ideia do pai capaz de todas as onipotências e mesmo do pai criador de tudo o que eu era. A imagem do pai, que até à maioridade vivera como independente da mãe desaparecida, ligava-se a algumas recordações profundas. Uma, mais antiga, eram as de alguém que à noite, durante os invernos gelados, vinha aconchegar os lençóis junto ao pescoço do filho friorento e lhe dava assim a segurança dum sono sem sonhos. Outras vezes, nas longas noites de febre, das então inevitáveis doenças infantis, era ele que trazia os livros de histórias e os bonecos de louça que tornavam possível sobreviver no quarto abafado, por temor das correntes de ar que, vindas dos espaços exteriores, poderiam atrasar a cura.

As outras imagens mais tardias, mas que me pareceram desde sempre presentes, eram feitas da grande esperança de quem acreditava no filho. Essa confiança a que mais tarde talvez se misturasse um pouco de orgulho por este ou aquele resultado escolar mais brilhante, foi uma atitude de tal modo permanente, que eu sentia que nenhum erro a poderia pôr em causa. Por isso, sempre recordo esse clima de absoluta e mútua confiança, vivido num espaço de liberdade, a que ela servia de permanente garantia.

Também o P. Vasco Pinto de Magalhães ao falar do seu pai tem um texto belíssimo em que aborda o que me parece ser outra perspectiva fundamental na paternidade. Conta ele: «Pouco antes de morrer o pai, muito lúcido, chamou-me porque a mim, filho, se queria confessar. Aceitei confuso e comovido esta aparente inversão de papéis mas apercebi-me que era ele que adquiria o seu pleno estatuto de pai, ao reconhecer-me como quem sou, ao dar-me o estatuto que tenho ao fazer-me de facto seu filho. Tive aí realmente nesta ligação e nessa constituição dele como pai, a minha herança».

Nesta recordação de afecto e de consolo que ficou da pequena infância, na relação de confiança que mais tarde serviu de âncora e base a toda a liberdade, na aceitação do filho como um outro com destino próprio, estão os graves fundamentos duma paternidade que é bem mais do que um passado genético.

O tempo foi andando e ao chegar o momento de eu próprio reflectir sobre a paternidade, não posso ignorar todo este passado e herança de filho.

A estas recordações de momentos de encontro misturam-se agora outros vividos desde sempre com aquela com quem tenha partilhado um amor-esperança ao longo da vida. Todo este repassar do tempo se confunde com os dias de hoje, vividos no observar silencioso dos casais que comigo se cruzam e principalmente daqueles que cada um dos filhos foi formando e prolonga-se no reflexo que em todos vai tendo o crescer diversificado dos netos.

Mas a tudo isto começa a sobrepor-se a ideia de que o autêntico sentido da paternidade só se torna claro quando passa pela enorme separação da morte do pai. Só nesse momento em que mais do que nunca ele manifesta todas as suas fragilidades é que ele pode assumir o seu autêntico sentido não de princípio genético, mas sim a fonte permanente de vida de que necessariamente os filhos, para serem realmente filhos, terão de ser o rosto visível.

Por isso mesmo não posso deixar de pensar no pretense desaparecimento do pai genético de que o aumento exponencial da infertilidade masculina no nosso mundo ocidental parecia ser o anúncio. Essa espécie de morte era de certo modo aceite como natural pela técnica que conseguia certos tipos de fecundações assistidas com esperma anónimo ou por eventual clonagem. Porém, foi a tecnologia que permitiu que o pai deixasse de ser o mero princípio genético, que culturalmente, só muito mais tarde poderia recuperar a capacidade de intervenção na vida do próprio filho. Era-lhe agora possível participar, como fonte e dador contínuo de vida, desde os primeiros momentos, aprendendo pela emoção e pela ternura a mostrar todas as suas fragilidades. Deixando de ser o pai distante e quase onipotente pode melhor do que nunca dar a segurança e a certeza duma presença permanente de amor partilhado no casal. Ensina-lhe assim a relação nova que irá perdurar para lá da morte. Ela é que é a grande resposta ao apelo relacional inscrito desde o primeiro momento no genoma humano. Essa mesma relação, feita partilha e dom, será a grande herança da paternidade/maternidade vividas em união desde as primeiras divisões celulares da nova vida humana. Por isso esta vivência nos parece o

verdadeiro caminho para a paternidade para lá de todas as contingências de culturas e sociedades sempre transitórias.

Ela toma assim o seu verdadeiro sentido e serve de imagem à Paternidade Maternal única e definitiva de Deus. Também esta é manifestada num Filho desde sempre no pensamento do Pai. Filho Bem Amado, aceite livremente pela Mãe, em quem Ele pôs todas as Suas complacências. Filho que é o rosto do Pai mas que só pela morte e pela paixão manifesta em verdade que é o puro Dom. Ele que ao assumir toda a enorme pobreza humana ressuscita e permanece como herança viva do Pai, num contínuo apelo à vida. Vida em que cada um de nós pode participar, com as experiências das novas paternidades. Pequenas presenças em que aprendemos a ser verdadeiramente filhos na esperança de que elas saibam anunciar a grande presença dum Deus que nos ama.

BIBLIOGRAFIA

Biscaia, Jorge, «Reflexão sobre a Paternidade», *Brotéria*, Vol. 147, 4 de Outubro de 1998.

Biscaia, Jorge, «Família e Vida», *Revista de Espiritualidade*, Vol. VI, nº 23, Julho- Setembro de 1998.

Biscaia, Jorge, «Desejar um Filho», *Cadernos de Bioética*, nº 17, Novembro de 1998.

Debry, Jean Michel, *Les coups de pied dans l'éprouvette*, Catalyses, Éditions Fides, 1997.

Pereira de Melo, Helena, «O estatuto Jurídico do Embrião», *Brotéria*, Vol 148, 5/6-Maio- Junho de 1999.

Renaud, Michel, «A dimensão humana e pessoal do embrião. Reflexão filosófica», *Acção Médica*, Ano LXI, nº 4, Outubro-Dezembro de 1997.

Tort, Michel, *Le désir froid*, Éditions la Découverte, Paris 1992.

Pinto de Magalhães, Vasco, *O rosto de Deus Pai. O pai que está nos Céus*, Ed. Paulinas, Novembro de 1998.

Pinto de Magalhães, Vasco, «Maternidade / Paternidade», *Cadernos de Bioética*, 17 - Novembro de 1998.

